



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**DAIVADAS VAZHAPPILLIL THOMAS**

**A Família, Comunidade de Amor, no Pensamento  
do Magistério:**

**Abordagem de alguns temas da Unidade Letiva 3 “A  
Família, Comunidade de Amor” do Programa de Educação  
Moral e Religiosa Católica do 5ºano de Escolaridade**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob orientação de:**

**Prof. Doutor Jerónimo Trigo  
Mestre Juan Francisco Ambrosio**

**Lisboa  
2015**

## ÍNDICE

ÍNDICE.....	1
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	2
INTRODUÇÃO.....	3
Capítulo I – Avaliação global da Prática de Ensino Supervisionada.....	5
1. 1. Desenvolvimento de competências em contexto escolar e sala da aula.....	5
1. 2. Reflexão global sobre a gestão do programa.....	15
1. 3. Motivação na seleção da Unidade Letiva 3 - A Família, Comunidade de Amor.....	21
1. 4. Desafios e interrogações.....	27
Capítulo II - A Família, Comunidade de Amor, no Pensamento do Magistério.....	30
2. 1. O amor como fundamento da família.....	30
2. 2. A união matrimonial.....	33
2. 3. A família e transmissão da vida.....	37
2. 4. A família e a educação dos filhos.....	40
2. 5. A família e o despertar religioso dos filhos.....	45
2. 6. A família e os idosos.....	50
Capítulo III – Nova proposta para a lecionação da Unidade Letiva “ A Família, Comunidade de Amor”.....	56
CONCLUSÃO.....	84
BIBLIOGRAFIA.....	87
ANEXOS.....	91

## SIGLAS E ABREVIATURAS

CA	= <i>Centesimus Annus</i>
CEP	= Conferência Episcopal Portuguesa
CIC	= Catecismo da Igreja Católica
CL	= <i>Christifideles Laici</i>
EN	= <i>Evangelii Nuntiandi</i>
EV	= <i>Evangelium Vitae</i>
FC	= <i>Familiaris Consortio</i>
GE	= <i>Gravissimum Educationis</i>
GRS	= <i>Gratissimam sane</i>
GS	= <i>Gaudium et Spes</i>
LG	= <i>Lumen Gentium</i>
HV	= <i>Humanae Vitae</i>
RH	= <i>Redemptor Hominis</i>

## INTRODUÇÃO

No final da Prática de Ensino Supervisionada (PES), na qual lecionei a disciplina de EMRC ao 5º ano de escolaridade, fiquei com curiosidade de refletir e aprofundar alguns aspetos específicos acerca da 3ª Unidade Letiva (UL) “A Família, Comunidade de Amor”, não só porque tinha algum interesse pessoal no tema da família, mas também porque me parece um tema muito atual e de grande importância para cada pessoa e para a sociedade em geral.

A instituição familiar constitui a primeira comunidade onde o ser humano cresce, se desenvolve e cria os primeiros laços de confiança com os outros. A família é o lugar privilegiado de experimentar o amor, tão íntimo do coração humano. É o espaço vital do desenvolvimento integral da pessoa humana, porque quando o ser humano chega a este mundo, é a família que o acolhe e é nela que ele aprende a dar os primeiros passos; é na família que ele encontra as primeiras relações que o vão ajudar a desenvolver todas as suas potencialidades pessoais e sociais; é na família que ele toma consciência da sua dignidade e que aprende os valores; é na família que ele se descobre como ser chamado à comunhão e ao amor.

Sendo o tema da família tão importante na vida das pessoas, decidi refletir e aprofundar o mesmo no Relatório final da PES. Este Relatório final da PES está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo procura-se fazer uma avaliação global da PES. O período da PES foi um tempo muito favorável para alcançar o meu desejo de ser um bom profissional. Consegui desenvolver várias competências no âmbito da pedagogia e gestão da sala de aula no sentido de facilitar o desenvolvimento de um ensino mais eficaz. No primeiro ponto deste capítulo, descrevem-se várias competências desenvolvidas em contexto escolar e sala de aula; de seguida apresenta-se uma reflexão global sobre a gestão do programa e, ainda, a motivação

na seleção desta UL. Este primeiro capítulo conclui expondo os desafios e interrogações encontrados nesta UL.

O tema da família não é estranho à revelação divina. A família é um espaço privilegiado onde o amor de Deus se manifesta e a partir do qual atinge o mundo e a vida dos homens. Na família revela-se o mistério de comunhão que, desde o início, está inscrito no projeto de Deus. Esse projeto de Deus atinge a sua plenitude em Jesus Cristo, o Esposo que ama e que se dá como Salvador da humanidade, unindo-a a Si como seu corpo. Por isso mesmo, a família é “imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja”<sup>1</sup>. Ainda mais, o Magistério eclesial considera a família como Igreja doméstica.

São numerosos os documentos do Magistério que nos falam sobre a família para o desenvolvimento e a realização humanas. No segundo capítulo propomo-nos abordar e aprofundar alguns temas ligados com “A Família, Comunidade de Amor” no pensamento do Magistério. Para o Magistério eclesial o amor é o fundamento da família. Este aspeto é refletido e abordado no primeiro ponto de segundo capítulo. De seguida refletimos sobre o tema da união matrimonial. No terceiro ponto deste capítulo abordamos o tema da família e transmissão da vida, isto porque, a família é o berço da vida e do amor. Seguidamente refletimos o tema da família e educação de filhos. Além disso, neste mesmo capítulo tratamos o tema da família e o despertar religioso dos filhos e, ainda, o tema da família e os idosos.

Os pensamentos e as reflexões do Magistério oferecem grandes contributos e são indispensáveis na lecionação da UL “A Família, Comunidade de Amor”. Por isso procuramos propor no terceiro e último capítulo, novas planificações e as suas descrições que culminam na planificação duma conferência onde os membros da família ou encarregados de educação podem participar sugerindo, para isto, o pensamento do Magistério como assunto desta conferência.

---

<sup>1</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, nº 48, Editorial A. O, Braga, 1987.

## **CAPÍTULO I**

### **AVALIAÇÃO GLOBAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

Iniciei o segundo ano de mestrado e Prática de Ensino Supervisionada (PES) com muito desejo de aprender e crescer. Na verdade, este tempo foi muito propício para alcançar o meu desejo de ser um bom profissional. O trabalho desenvolvido no âmbito da prática de ensino supervisionada foi muito importante para estruturar e aumentar os meus conhecimentos ao nível da pedagogia e gestão da sala da aula, para desenvolver a capacidade de auto reflexão sobre o trabalho realizado e para aumentar o meu repertório ao nível das estratégias e métodos de ensino. Durante este período consegui diagnosticar situações e adaptar e utilizar os conhecimentos profissionais de forma apropriada, para favorecer a aprendizagem dos alunos. De um modo geral, posso afirmar que a avaliação da prática de ensino supervisionada foi muito positiva.

#### **1. Desenvolvimento de competências em contexto escolar e sala da aula**

No início do ano letivo 2013/14, foi-me atribuído, como local da PES, a Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Professor Galopim de Carvalho no Pendão - Queluz. Ao longo do ano letivo, tive numerosos contatos e envolvimento com a escola. Acerca da escola, ficou-me a impressão de ser um espaço acolhedor, não só a nível das instalações que oferecem ótimas condições a quem lá trabalha e estuda, permitindo o desenvolvimento das mais variadas atividades, mas também a nível da cordialidade do seu pessoal docente e não docente. Tive um bom relacionamento com todos os intervenientes da escola.

Através das várias observações, fiquei com a noção de que a população circundante é representativa de vários estratos sociais. Pelas conversas informais com a Professora Cooperante, fiquei a saber que a zona de Queluz e Belas acolhe um número significativo de

imigrantes oriundos, na sua maioria, de África, mas também de outras proveniências e etnias, o que faz com que a escola acolha uma grande diversidade de alunos, no que diz respeito aos seus estatutos sócio-económico, cultural e linguístico. Pelo que me foi dado a conhecer, existem, igualmente, no seio escolar, casos excecionais de alunos com dificuldades de aprendizagem e casos mais complexos de natureza social que exigem acompanhamento por parte de outras instituições, nomeadamente o Tribunal de Menores.

A Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Professor Galopim de Carvalho é norteadada pelas seguintes finalidades:

“Favorecer o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade do aluno, nas dimensões individual e social, visando o exercício efetivo da cidadania; Consolidar e aprofundar o domínio de competências e saberes, numa perspetiva de educação para a vida; Promover a plena integração do aluno na comunidade educativa, tendo em vista a melhoria do sucesso e a diminuição do abandono escolar; Criar mecanismos de inclusão, quer para os alunos com necessidades educativas especiais, quer para os oriundos de outros países; Participar, em colaboração com as famílias, na identificação de interesses e alternativas escolares e profissionais; Articular a oferta de Escola com as características do meio, as solicitações da comunidade e as exigências de um mundo em mudança; Criar condições, de acordo com as necessidades organizacionais da Escola, para o desenvolvimento profissional, contínuo e integrado, de todos os responsáveis educativos”<sup>2</sup>.

Realizei a prática de ensino supervisionada na turma K de 5º ano de 2º ciclo. Numa breve abordagem ao Livro de Ponto da turma, verifiquei que a mesma era composta por 26 alunos, sendo 5 deles repetentes, 1 com necessidades educativas especiais (NEE) e 12 que beneficiavam do Serviço de Assistência Social Escolar (SASE). A média de idades situava-se nos 10 anos. Destes 26 alunos, 10 estavam inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Contudo, o número real de alunos em EMRC foi de 8, uma vez que um dos alunos inscritos mudou de escola e outro aluno deixou de frequentar a escola a meio do primeiro período letivo.

---

<sup>2</sup> AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE QUELUZ-BELAS, *Projeto Educativo 2013-2017*, p. 10.

Nos meus contatos com a turma de EMRC constatei que eram alunos simpáticos e amorosos e com vontade de aprender. Ao longo do ano letivo, verifiquei que os mesmos, apesar de serem poucos, muito pequenos e manterem ainda algumas características muito infantis, apresentavam grande curiosidade e entusiasmo face aos conteúdos que lhes eram transmitidos. Notei neles muita vontade de aprender e uma grande capacidade de concentração.

Um fator que me chamou a atenção nesta pequena turma foi a diversidade que a compõe, tanto a nível cultural (4 de origem africana), como sócio-económico. Isto era visível na forma como se vestiam e como se apresentavam, no tipo de material escolar que usavam, no estilo de linguagem que utilizavam e no tipo de postura que adotavam. No que concerne à formação religiosa dos alunos pude verificar que uma aluna frequentava a catequese. Constatei, igualmente, que um aluno apresentava algumas dificuldades na escrita. Notei que alguns alunos eram mais capazes de apreender por causa do ambiente familiar e do apoio dos encarregados de educação.

No que respeita às relações interpessoais entre os elementos da turma, não encontrei nenhum problema de interação. Os alunos mostraram-se solidários uns com os outros. Pareceu-me que não existiam problemas de auto-estima nem de auto-confiança. Também não me constou que nesta turma existissem casos problemáticos no sentido de necessitarem de algum tipo de intervenção especial e direcionada.

A grande diversidade cultural, étnica e social despertou em mim a necessidade de desenvolvimento e aperfeiçoamento das técnicas da prática do ensino. Procurei adquirir e utilizar as melhores práticas para ajudar os alunos a desenvolverem competências e atitudes essenciais. Neste sentido Richard I. Arends afirma:

“Um professor amigo e carinhoso para as crianças já não é suficiente, tal como já não é suficiente que os professores utilizem métodos de ensino exclusivamente baseados na sua intuição, preferência pessoal ou senso-comum. Os professores de hoje têm a obrigação de



utilizar práticas de ensino consideradas eficazes, tal como os membros de outras profissões, como a medicina, o direito e a arquitetura”<sup>3</sup>.

O ensino tem uma base científica e os seus métodos são baseados em investigações e em evidências científicas. Durante a PES procurei dominar a base de conhecimentos e as competências que são necessárias em ajudar os alunos a aprenderem.

O ensino também tem uma outra faceta que é a arte de ensinar. “Tal como a maior parte das atividades humanas, o ensino tem aspetos que não podem ser codificados ou exclusivamente guiados pelo conhecimento científico, mas que dependem de um complexo conjunto de julgamentos individuais, baseados em experiências pessoais”<sup>4</sup>. Este lado artístico é baseado na sabedoria coletiva dos professores experientes.

É importante notar que a arte de ensinar é “uma arte instrumental ou prática, não uma das belas-artes que tem como objetivo último a criação da beleza”<sup>5</sup>. Neste sentido é importante assinalar o seguinte: “enquanto arte instrumental, o ensino é algo que se afasta de receitas, formulas ou algoritmos. Requer improvisação, espontaneidade e o lidar com múltiplas possibilidades relativas à forma, ao estilo, à cadência, ao ritmo e à adequabilidade”<sup>6</sup>. A espontaneidade, cadência, ritmo são aspetos do ensino que a investigação não consegue medir muito bem mas que, ainda assim, não deixam de ser características importantes das melhores práticas, e que constituem parte da sabedoria dos professores competentes e experientes.

Os professores experientes sabem que não existe uma forma ideal única de ensinar. Os professores eficazes têm um conjunto de métodos, conhecidos como estimuladores da motivação e da aprendizagem dos alunos. Estes métodos são selecionados com base nos objetivos a atingir pelos professores, as características dos alunos e os valores e expectativas

---

<sup>3</sup> R. I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, Sétima Edição, McGraw – Hill interamericana de España, S.A.U, Aravaca (Madrid) 2008, p. 4.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

das comunidades em que se inserem. Durante a PES com a ajuda de Professores Orientadores e da Professora Cooperante procurei adquirir alguns métodos, conhecidos como estimuladores da motivação e da aprendizagem dos alunos.

Durante o período da PES, o meu objetivo era aprender a tornar-me um professor eficaz. É importante assinalar que o ensino eficaz requer pessoas que sejam academicamente competentes, que dominem as matérias que vão ensinar e que se preocupem com o bem-estar das crianças. Igualmente requer pessoas que sejam capazes de produzir resultados, sobretudo a nível da realização escolar e da aprendizagem social dos alunos.

Estas características acima mencionadas são consideradas pré-requisitos para o ensino, mas são insuficientes sem quatro atributos de nível superior:

“(1) Os professores eficazes devem ter qualidades pessoais que lhes permitem desenvolver relações humanas genuínas com os seus alunos, os pais, e os colegas, e criar salas de aula democráticas e socialmente justas para as crianças e adolescentes; (2) Os professores eficazes devem ter uma disposição positiva em relação ao conhecimento, dominando pelo menos três bases de conhecimento abrangentes relacionadas com a matéria da disciplina, o desenvolvimento e a aprendizagem humana e a pedagogia. Utilizam estes conhecimentos para guiar a ciência e a arte dos seus métodos de ensino; (3) Os professores eficazes devem ter um repertório de práticas de ensino que estimulam a motivação dos alunos, melhoram os seus resultados na aprendizagem de competências básicas e contribuem para produzir um nível de compreensão mais elevado e alunos auto-regulados; (4) Os professores eficazes devem ter uma disposição pessoal para a reflexão e a resolução de problemas”<sup>7</sup>.

Hoje em dia os professores não assumem apenas o papel de ensinar, mas também a tarefa difícil de educar e de proporcionar aos alunos experiências pedagógicas promotoras da aquisição das mais variadas competências. Em Portugal o Decreto-Lei nº 240/2001, de 30 de Agosto, veio definir o perfil de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário. De acordo com o Decreto-Lei nº 240/2001, o perfil do professor aparece delineado em quatro grandes áreas<sup>8</sup>:

---

<sup>7</sup> R. I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, p. 19.

<sup>8</sup> Cf. Decreto – Lei nº 240/ 2001, in *Diário da República – I Série – A – N.º 201 – 30 de Agosto de 2001*, pp. 5570-5572.

### 1) Dimensão profissional, social e ética

Neste âmbito o professor: (1) Assume a função específica de ensinar, recorrendo à investigação e reflexão sobre a prática educativa, enquadrando a sua ação numa política educativa para cuja definição contribui ativamente; (2) Exerce a sua atividade na escola, que garante a todos um conjunto de aprendizagens diversas consideradas essenciais para o seu desenvolvimento integral; (3) Fomenta a autonomia dos alunos em ordem à sua inclusão na sociedade; (4) Promove a qualidade dos contextos educativos, com vista ao bem-estar dos alunos e ao desenvolvimento de todas as componentes da sua identidade individual e cultural; (5) Identifica e respeita as diferenças culturais e pessoais dos alunos, combatendo a exclusão e a discriminação; (6) Manifesta capacidade relacional e comunicacional, bem como equilíbrio emocional, nas diversas circunstâncias da sua atividade profissional; (7) Assume as exigências éticas e deontológicas associadas à prática profissional<sup>9</sup>.

### 2) Dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem

Neste âmbito o professor: (1) Promove aprendizagens significativas no âmbito dos objetivos do projeto curricular de turma, desenvolvendo as competências fundamentais que o incorporam; (2) Integra os saberes específicos da sua área e os saberes transversais e multidisciplinares; (3) Organiza o ensino de acordo com os paradigmas científico-pedagógicos mais adequados, recorrendo à atividade experimental sempre que esta se revele pertinente; (4) Utiliza corretamente a língua portuguesa, constituindo essa correta utilização objetivo da sua ação formativa; (5) Utiliza, nas atividades de aprendizagem, linguagens diversas e suportes variados, nomeadamente as tecnologias de informação e comunicação, promovendo a aquisição de competências básicas neste último domínio; (6) Promove a aprendizagem dos processos de trabalho intelectual, bem como o envolvimento ativo dos alunos nos processos de aprendizagem e na gestão do currículo; (7) Desenvolve estratégias pedagógicas diferenciadas, mobilizando valores, saberes, experiências e outras componentes

---

<sup>9</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 5570-5571.

dos contextos e percursos pessoais, culturais e sociais dos alunos; (8) Apoia e colabora na deteção e acompanhamento de crianças com necessidades educativas especiais; (9) Incentiva a utilização de regras de convivência democrática e gere, com segurança e flexibilidade, situações problemáticas e conflitos interpessoais; (10) Utiliza a avaliação como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino, da aprendizagem e da sua própria formação<sup>10</sup>.

### 3) Dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade

Neste âmbito o professor: (1) Perspetiva a escola e a comunidade como lugares de educação inclusiva e de intervenção social, no quadro de uma formação integral dos alunos para a cidadania democrática; (2) Participa na construção, desenvolvimento e avaliação do projeto educativo da escola e dos respetivos projetos curriculares, bem como nos funcionamentos de administração e gestão da escola; (3) Integra no projeto curricular saberes e práticas sociais da comunidade, conferindo-lhes valor educativo; (4) Colabora com todos os intervenientes no processo educativo, promovendo a criação e o desenvolvimento de relações de respeito mútuo entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente; (5) Promove interações com as famílias, nomeadamente no âmbito dos projetos de vida e de formação dos seus educandos; (6) Valoriza a escola enquanto pólo de desenvolvimento social e cultural, colaborando com outras instituições da comunidade e participando nos seus projetos; (7) Colabora na elaboração e execução de estudos e de projetos de intervenção integrados na escola e no seu contexto<sup>11</sup>.

### 4) Dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida

Neste âmbito o professor: (1) Reflete sobre as suas práticas, apoiando-se na experiência, na investigação e em outros recursos relevantes para a avaliação do seu progresso profissional; (2) Reflete sobre aspetos éticos e deontológicos inerentes à profissão, fazendo a avaliação de efeitos das decisões tomadas; (3) Privilegia o trabalho de equipa como fator de enriquecimento da sua formação e promotor da partilha de saberes e experiências; (4)

---

<sup>10</sup> Cf. *Ibidem*, p. 5571.

<sup>11</sup> Cf. *Ibidem*.

Desenvolve as competências profissionais, pessoais e sociais, numa perspetiva de formação ao longo da vida; (5) Participa nas atividades de investigação ligadas com o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos<sup>12</sup>.

O período da PES contribuiu de forma positiva para desenvolver a dimensão profissional, social e ética; a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; a dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade. Tudo isso aconteceu numa perspetiva de formação ao longo da vida.

Sendo a EMRC uma área disciplinar, espera-se do professor a adoção de procedimentos pedagógicos adequados ao tratamento da informação, com o rigor e a sistematização correspondente a esse estatuto, à semelhança do que sucede com as demais áreas disciplinares. No entanto, a sua especificidade, que enfatiza a importância da educação integral do aluno, segundo a visão da Igreja, aponta para a relevância de competências específicas que deverão ser tidas em conta quando se pensam as qualidades próprias do professor de EMRC. Assim, parece-nos que tais competências educativas se poderiam agrupar nos seguintes domínios<sup>13</sup>:

Técnicas: Podemos considerar aqui aquelas competências que acentuam a importância de um programa e da sua correta implementação. De acordo com este pensamento, o professor é encarado como hábil planificador, gestor metódico do tempo, com vista ao tratamento dos conteúdos e ao desenvolvimento das competências contemplados no programa. Esta habilidade é notada também na criação, seleção e utilização de recursos pedagógicos e de instrumentos de avaliação, domínios onde aplica com rigor modelos e conceitos de que se apropriou no âmbito da sua formação profissional.

Pedagógicas: Este domínio abrange competências que acentuam a importância de um ensino centrado no aluno e a partir dele. De acordo com este raciocínio, encara-se a pedagogia

---

<sup>12</sup> Cf. *Ibidem*, p. 5572.

<sup>13</sup> Cf. D. O. PEDRINHO, *Competência Científica e Competência Educativa do Professor de EMRC*, in *Pastoral Catequética* 21/22 (2011-2012) pp. 31-33.

como um caminho que o professor se dispõe a percorrer com o aluno, colocando-se no ponto de partida onde este se encontra colocado. De acordo com esta perspectiva, o cumprimento de um programa pré estabelecido perde alguma relevância, uma vez que as respostas dadas e as situações vividas pelos alunos, podem conduzir a ajustamentos significativos e, no limite, à criação de programas alternativos. Neste contexto, o professor é encarado como um agente educativo voluntarioso e imaginativo na criação de recursos e de situações de aprendizagem, revelando-se exímio na utilização de uma estratégia educativa pautada pela chamada pedagogia diferenciada.

Humanas: Aqui cabem aquelas competências que acentuam a dimensão humana dos diferentes intervenientes no ato educativo. Segundo esta perspectiva o professor estabelece relações de grande proximidade com os seus alunos, procurando conhecer profundamente a cada um deles. Interessa-se pela sua vida pessoal, pelos seus sucessos e fracassos, pelos seus estados de espírito e demonstra solidariedade nas diferentes situações por eles vivenciadas. Assume atitudes que revelam companheirismo e proximidade, e promove com docilidade e paciência o bem-estar dos que lhe são confiados. Valoriza os conhecimentos a transmitir aos alunos, na medida em que estes contribuem para a sua felicidade, enquanto seres humanos.

Cristãs: Consideram-se aqui as competências que revelam modos de pensar e de agir que tomam a Cristo como modelo. De acordo com esta perspectiva, o professor assume a atitude de quem vai ao encontro do outro para lhe revelar o rosto amoroso de Deus Pai. No exercício da sua função educativa pensa e atua, procurando fazer em tudo a vontade do Pai. Propõe princípios e valores cristãos, segundo a orientação da Igreja, à qual sabe pertencer e pela qual se sente enviado. O seu modo de ensinar é testemunhal, na medida em que afirma e pratica a adesão pessoal à pessoa e à mensagem de Jesus Cristo.

Ao iniciar a minha prática de ensino supervisionada, propus-me dedicar-me e empenhar-me ao máximo nessa tarefa de tornar-se um professor eficaz. Fui bem acolhido e senti-me de imediato integrado neste novo ambiente escolar. Tornou-se imprescindível ter

uma compreensão da maneira de estar dos alunos por causa da diversidade cultural, religiosa, linguística e classe social dentro da sala de aula e perceber como estes aprendem. Para me tornar um professor eficaz parecia fundamental diagnosticar situações concretas dos alunos e adaptar e utilizar os conhecimentos profissionais de forma apropriada, para favorecer a aprendizagem dos alunos. A professora cooperante ajudou-me a encontrar estratégias e métodos mais adaptados às características da escola e da turma.

A prática de ensino supervisionada permitiu-me desenvolver competências no sentido de me tornar um professor eficaz e, por outro lado, ajudou-me a pôr em prática com mais segurança algumas competências já existentes. Por exemplo, a competência no âmbito da gestão da sala de aula. Durante as aulas de PES aprendi muito, ao nível da elaboração das planificações, das matrizes e grelhas de correção das fichas de avaliação, na gestão do tempo em sala de aula, na produção de materiais pedagógicos etc. Não senti grandes dificuldades quer a nível de planificação de aulas quer a nível de relação com a turma na transmissão de conteúdos. Sinto que as aulas decorreram com normalidade e estabeleci uma boa relação com os alunos quer a nível pessoal quer a nível pedagógico.

Uma das coisas muito importante que aprendi durante a PES foi a necessidade de haver um trabalho sistemático e contínuo na preparação das aulas, muito estudo para haver rigor científico e, muita reflexão. Compreendi que na planificação das aulas é fundamental ter o conhecimento, a reflexão, a interpretação e a discussão. Para mim ficou claro que aprender a ensinar é um processo de desenvolvimento que se desenrola ao longo de toda a vida. Por isso preciso de estar muito atento às características de cada turma, adaptando os conteúdos e elaborando estratégias adequadas e privilegiando a dimensão relacional, pois esta é essencial no processo de ensino aprendizagem.

Como já referi, a PES permitiu-me desenvolver competências no âmbito da pedagogia e da gestão da sala de aula no sentido de facilitar o desenvolvimento de um ensino mais eficaz. Por outro lado, a reflexão no âmbito do Seminário, ajudou a estar atento às questões

específicas da disciplina como a identidade, o programa, os manuais, a presença na escola, a avaliação, etc. Olhando para atrás, parece-me que, mais importante que a aprendizagem realizada, são os horizontes que foram abertos, e que agora cabe a cada um de nós a obrigação de explorar, segundo os seus desejos e motivos. Sem dúvida, posso afirmar que desde que iniciei esta nova etapa da minha vida profissional, aprendi a adquirir novos métodos e ritmos tanto a nível da planificação das aulas como da gestão e postura em sala de aula.

O período da PES contribuiu de forma positiva para incrementar bons momentos de partilha, diálogo e, conseqüentemente, de novas aprendizagens com os Professores Orientadores, com a Professora Cooperante e com os colegas. Foi muito enriquecedor, a possibilidade de assistir a uma unidade letiva lecionada pela Professora Cooperante Fátima Rocha, e também à unidade lecionada pela colega estagiária Ivone Vasconcelos. Houve entre todos nós muita colaboração e entendimento. Sinto que a prática de ensino supervisionada foi um instrumento valioso para o desenvolvimento e aperfeiçoamento quer dos meus conhecimentos quer da minha prática letiva como professor de EMRC.

## **2. Reflexão global sobre a gestão do programa**

A educação é uma tarefa fundamental da sociedade. Dela depende, decisivamente, o desenvolvimento harmonioso e integral dos adolescentes e dos jovens, e a qualidade do progresso da sociedade. A formação e o desenvolvimento integral da pessoa deve ser a grande finalidade de toda a educação. Mais do que a partir de uma perspetiva social, a educação deve ser entendida e refletida a partir de uma perspetiva personalizadora. A pessoa deve ser o centro de toda a educação. Nesta perspetiva, a educação é concebida como contributo ao processo de personalização do aluno. Podemos dizer que a qualidade da educação tem a ver com o crescimento pessoal. Nesta linha, afirmamos que a educação e, por conseguinte a escola, deve estar atenta a todas as dimensões constitutivas da pessoa, de modo a poderem ser



trabalhadas em ordem à personalização do educando<sup>14</sup>. A dimensão religiosa é uma das dimensões constitutivas da pessoa humana e assim surge a importância e a necessidade do Ensino Religioso Escolar.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é uma maneira de concretizar o Ensino Religioso Escolar, mas não esgota esse ensino, que, como sabemos, se pode concretizar em diversos modelos. Educação Moral e Religiosa Evangélica é um exemplo de outro modelo da concretização de Ensino Religioso Escolar em Portugal.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica enquadra-se no sistema de ensino português sustentado por um amplo quadro jurídico, cuja base fundamental é a Concordata de 2004 entre a Santa Sé e o Estado Português. Em complementaridade com o acordo concordatário e decorrente de outras disposições legais do país, como a Constituição da República Portuguesa e a Lei de Bases do Sistema Educativo, a Educação Moral e Religiosa Católica é reconhecida e regulada por um vasto corpo legislativo de carácter organizacional. O decreto - lei n.º 70/2013 de 23 de maio é o mais recente corpo legislativo, que estabelece o regime jurídico da lecionação e da organização da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), nos estabelecimentos públicos dos ensinos básico e secundário, nos termos da Concordata celebrada entre a República Portuguesa e a Santa Sé.

O Artigo 2º do referido decreto – lei n.º 70/2013 de 23 de maio afirma que o Estado garante as condições necessárias para assegurar o ensino da disciplina de EMRC nos estabelecimentos públicos dos ensinos básico e secundário, no âmbito do dever de cooperação com os pais na educação dos filhos.

O artigo 3º do mesmo decreto – lei afirma o seguinte:

“a orientação do ensino da disciplina de EMRC nos estabelecimentos públicos dos ensinos básico e secundário, atento o seu carácter específico, é da exclusiva responsabilidade da Igreja Católica competindo-lhe, nomeadamente através da Conferência Episcopal Portuguesa, proceder: a) À elaboração e revisão dos programas da disciplina de EMRC, que são enviados

---

<sup>14</sup> Cf. J. F. AMBROSIO, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*, in *Communio*, 18 (2001/5) pp. 443-444.

ao Ministério da Educação e Ciência, antes da sua entrada em vigor, para publicação conjunta com os programas das restantes disciplinas e áreas disciplinares; b) À elaboração e sequente edição e divulgação dos manuais de ensino da disciplina de EMRC, bem como de outros suportes didáticos destinados a alunos e a professores”<sup>15</sup>.

O artigo 4º do referido decreto – lei nº 70/2013 de 23 de maio afirma que a disciplina de EMRC é uma componente do currículo nacional integrando todas as matrizes curriculares, de oferta obrigatória por parte dos estabelecimentos de ensino e de frequência facultativa.

A disciplina de Educação Moral Religiosa Católica tem como grande finalidade a formação global do aluno que permite o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa. Podemos afirmar que a disciplina de EMRC privilegia a formação integral do aluno proporcionando, não só a aprendizagem de conhecimentos científicos, como também uma leitura da vida, da história e da cultura, a partir duma visão religiosa de cariz cristão e católico.

O documento da Conferência Episcopal Portuguesa chamado “Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade”, afirma que o aluno que frequente, com continuidade, a EMRC deverá conseguir alcançar as seguintes grandes finalidades: apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; adquirir uma visão cristã da vida; entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; apreender o fundamento religioso da moral cristã; conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre

---

<sup>15</sup> Decreto – Lei nº 70/2013, in *Diário da República – I Série – Nº 99 – 23 de maio de 2013*, p. 3032.

o sentido da realidade; aprender a posicionar-se, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência<sup>16</sup>.

O desenvolvimento do ensino é orientado por metas curriculares nas quais são definidos, de forma consistente, os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, de modo a enfrentar as mais variadas situações da vida quotidiana, desde a resolução de problemas intelectuais e práticos, à tomada de decisões conscientes, à interpretação de situações da vida com vista a atingir os seus objetivos pessoais/sociais e profissionais, e para a sua progressão na construção de conhecimentos cada vez mais complexos.

Para a disciplina de EMRC, as Metas Curriculares, que enunciam expectativas gerais quanto à aprendizagem do aluno, foram definidas a partir das finalidades da disciplina que se alicerça em domínios: áreas de ensino que a disciplina compreende e que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer (campos de conhecimento, conteúdo) e do que o aluno deve saber fazer (processos); determinam-se a partir das suas finalidades e do estatuto epistemológico da Teologia e das Ciências da Religião.

As Metas Curriculares organizam e facilitam o ensino, pois fornece uma visão mais objetiva possível daquilo que se pretende alcançar, permite que os professores se concentrem no que é essencial e ajuda a delinear as melhores estratégias de ensino.

Na elaboração das planificações tive em conta o Programa que sugere Metas, Objetivos e Conteúdos concretos para cada ciclo, ano, e unidade letiva e que correspondem às finalidades da disciplina de EMRC.

Seguimos o programa e lecionámos as unidades: 1) Viver juntos; 2) Advento e Natal; 3) A Família, Comunidade de Amor; 4) Construir a Fraternidade. A escolha destas quatro unidades letivas submeteu-se à sua possível aplicação nas aulas previstas ao longo de todo o

---

<sup>16</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um Valioso Contributo para a Formação da Personalidade*, in *Pastoral Catequética*, 5 (2006) pp. 14-15.

ano letivo, tendo em conta o processo de desenvolvimento dos alunos e a natureza da disciplina.

A escolha das metas e as unidades letivas obedeceu aos seguintes critérios: 1) A natureza e identidade da disciplina; 2) A natureza e a realidade do grupo/turma: conhecimentos prévios, diversidade cultural, necessidades pedagógicas, nível de motivação, contexto sociofamiliar e multicultural da escola; 3) Adequação ao nível etário e ao nível de desenvolvimento psicológico dos alunos; 4) Aos princípios e valores do plano educativo da Escola; 5) As preocupações e metas propostas no Projeto curricular de turma; 6) A natureza da disciplina de EMRC no sentido da formação integral dos alunos através da inclusão da perspetiva cristã/católica, articulada com a cultura e a ciência para uma leitura abrangente e consolidada da realidade; 7) Os objetivos/metasp, a atingir pela Comunidade educativa; 8) A operacionalização das Metas gerais do ensino básico.

Escolhi a Unidade Letiva (UL) 3 “A Família, Comunidade de Amor” para lecionar na PES. Esta UL 3, trata o tema da família e desenvolve-se a partir de dois domínios: Religião e experiência religiosa; Ética e moral. Como já referimos os domínios são áreas de ensino que a disciplina compreende e que agregam logicamente os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer (campos de conhecimento, conteúdo) e do que o aluno deve saber fazer (processos). Nesta UL 3, antes de entrar propriamente nos valores e atitudes da família de Nazaré como modelo de vida familiar, pareceu-nos que devemos abordar o conceito da família e o significado histórico da família. Introduzimos uma nova meta: ‘Meta **B**. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história’. Dedicámos uma aula para trabalhar o conceito da família e o significado histórico da família.

Assim, foram escolhidas três metas específicas para serem trabalhadas na Unidade Letiva três – A Família, Comunidade de Amor: **B**. Construir uma chave de leitura religiosa da

pessoa, da vida e da história; **O.** Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano; **R.** Identificar o fundamento religioso da moral cristã<sup>17</sup>.

Ao longo da UL 3 “A Família Comunidade de Amor” foram trabalhados vários objetivos. Na primeira aula procurámos conhecer o conceito da família e suas tipologias. A seguir, procurámos identificar os valores e atitudes da família de Nazaré como modelo de vida familiar. Depois disto, abordámos as diferentes funções da família e identificámos o projeto de Deus para a família. Concluímos a nossa unidade letiva, abordando a promoção de valores do amor na vida familiar e a valorização da participação de todos na vida em família.

A UL foi planificada para ser lecionada em 9 aulas sendo uma delas a ficha de avaliação<sup>18</sup>. No entanto, por causa da participação dos alunos numa visita de estudo esta unidade letiva foi trabalhada em 8 aulas sendo uma delas a ficha da avaliação. Assim, fizemos a junção das aulas nº 7 e 8. Ao longo da leção abordámos vários conteúdos e utilizámos estratégias diversificadas para alcançar os objetivos da unidade letiva. Na concretização dessa tarefa tive sempre o apoio e auxílio da Professora Cooperante. Posso afirmar que as diferentes estratégias utilizadas em cada aula produziram o seu efeito na obtenção dos resultados pretendidos.

Na planificação da UL 3, utilizei o manual de Educação Moral e Religiosa Católica do 6º ano chamado ‘Nós e o Mundo’ pelo facto de este se apresentar como uma ferramenta muito

---

<sup>17</sup> Outras metas são: **A.** Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiencia religiosa; **C.** Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas; **D.** Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos; **E.** Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; **F.** Conhecer a mensagem e cultura bíblicas; **G.** Identificar os valores evangélicos; **H.** Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica; **I.** Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade; **J.** Descobrir a simbólica cristã; **L.** Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso; **M.** Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé; **P.** Promover o bem comum e o cuidado do outro; **Q.** Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo; **S.** Reconhecer, a luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

<sup>18</sup> Ver CD em Anexo: Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada, Lecionação das Unidades letivas, Planificação IV, UL 3 (Lições 17- 25, Aulas 1-9), pp. 2-10.

útil na medida em que oferece conteúdos abundantes acerca do tema<sup>19</sup>. Tive que fazer opções rigorosas para alcançar os objetivos da aula. Considero que as aulas decorreram em geral de uma forma positiva e enriquecedora, na medida em que houve colaboração por parte dos alunos em todas as atividades solicitadas ao longo da unidade letiva. Os alunos mostraram interesse e empenho nas atividades propostas.

Algumas aulas práticas tiveram umas dinâmicas bastante estimulantes que ajudaram os alunos a uma fácil compreensão e assimilação de conteúdos. A aula sobre as tarefas familiares através da encenação é um exemplo disso<sup>20</sup>. Nesta aula os alunos conseguiram transportar as experiências vividas no ambiente familiar para a sala de aula. Os alunos tiveram a oportunidade de apresentar várias tarefas dos membros da família através da encenação. Os recursos, nomeadamente talheres, jornais, ferro de engomar, gravata, avental, óculos, pratos, cenoura etc... ajudaram para melhorar a encenação sobre as tarefas familiares. Apesar de os recursos serem muito quotidianos e familiares, os alunos tiveram um especial prazer em mexer e dar um toque singular durante a encenação. Claramente estes tipos de estratégias são muito mais estimulantes e constituem um veículo de extrema importância para a compreensão e assimilação de conteúdos que se pretendem transmitir. Ao longo da prática de ensino supervisionado tive o cuidado de cumprir os tempos constantes da planificação e ainda, procurei que as minhas aulas fossem as mais dinâmicas possíveis. Consegui ter sucesso neste aspeto.

### **3. Motivação na seleção da Unidade Letiva 3 - A Família, Comunidade de Amor.**

“A Família, Comunidade de Amor” é o tema da UL que eu selecionei para lecionar na PES e aprofundar no Relatório Final. Este tema despertou-me interesse por vários motivos. Primeiro porque a família é indiscutivelmente, o núcleo de qualquer sociedade e horizonte

---

<sup>19</sup> Este manual do 6º ano pertenceu ao antigo programa de Educação Moral e Religiosa Católica do ano 2007. Durante a minha PES este Programa já não estava em vigor e não correspondia ao Programa do 5º ano que eu utilizei.

<sup>20</sup> Ver CD em Anexo: Portefólio da Prática de Ensino Supervisionada, p. 9.

primordial de qualquer pessoa. Ela é o espaço ideal do acolhimento da vida, do crescimento harmónico, do desenvolvimento integral e da vivência do amor humano como reflexo do amor de Deus pela humanidade. Neste sentido o Papa Bento XVI afirma que “a família é um bem necessário para os povos, um fundamento indispensável para a sociedade e um grande tesouro dos esposos durante toda a sua vida. É um bem insubstituível para os filhos, que não de ser fruto do amor, da doação total e generosa dos pais”<sup>21</sup>

A família constitui a primeira comunidade de referência para um ser humano. A instituição familiar constitui a primeira comunidade onde o ser humano cresce, se desenvolve e cria os primeiros laços de confiança com os outros. É na família que encontramos a base para a nossa realização pessoal, social escolar e profissional. A família delinea-se como ‘lugar primário da humanização’ da pessoa e berço da vida e do amor. É na família que o ser humano “aprende o que significa amar e ser amado e, conseqüentemente, o que quer dizer, em concreto, ser uma pessoa”<sup>22</sup>. Sem dúvida, a família é o contexto originário da formação da identidade pessoal e social.

Na família os pais e os irmãos desempenham um papel fundamental na vida quotidiana das crianças. Por isso, partilhamos com os outros elementos da família os nossos sucessos e procuramos junto deles conforto nos momentos menos felizes. A função da família unida assume um papel relevante na formação e na construção do futuro adulto. Saber amar e saber impor limites, auxilia a criança na construção do seu ‘Eu’. Se tivermos uma família que nos ame e que nos acompanhe ao longo do nosso percurso, poderemos alcançar com mais segurança os nossos objetivos de vida. Poucas vezes refletimos seriamente acerca do valor que a família tem para cada um de nós. Por causa da enorme importância da família para cada pessoa, escolhi este tema para o Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada.

---

<sup>21</sup> BENTO XVI, *Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração*. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias, 8 de Julho de 2006, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2006/july/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060708\\_incontro-festivo\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/july/documents/hf_ben-xvi_spe_20060708_incontro-festivo_po.html), Consultado a 5 de Agosto de 2014.

<sup>22</sup> JOÃO PAULO II, *Centesimus Annus*, nº 39, 2ª ed. Rei dos Livros., Lisboa, 1993.

O segundo motivo que me levou a escolher este tema é a importância da família para a sociedade. A sociedade coloca grandes expectativas na família como primeiro elemento socializador dos seus membros mais novos. A família inicia os filhos com as primeiras bases das relações sociais, das regras de convivência, dos modos de comportamento, na esperança que, quando derem início à sua vida social mais intensa, os filhos possam integrar-se facilmente na sociedade. É de todo evidente que o bem das pessoas e o bom funcionamento da sociedade, estão intimamente ligados com uma feliz situação da comunidade conjugal e familiar. Os povos esmorecem-se sem famílias fortes e estáveis no compromisso. Na família são inculcados desde os primeiros anos de vida os valores morais, transmite-se o património espiritual da comunidade religiosa e o cultural da nação. Nela se dá a aprendizagem das responsabilidades sociais e da solidariedade<sup>23</sup>.

O terceiro motivo que me levou a escolher este tema é a importância que tem a família na comunidade escolar, mais especificamente no facto de que a família e a escola devem estar em constante ligação e comunicação. A cooperação entre a família e a escola, traduzida numa conjugação de esforços que respeite a especificidade e a autonomia de cada uma, é condição fundamental para o êxito formativo e o sucesso escolar das crianças e dos jovens. “ A relação pedagógica ganha se houver uma boa comunicação entre a escola e a família. A comunicação previne a indisciplina, reforça a motivação e promove o sucesso dos alunos”<sup>24</sup>

Os membros da família, devem acompanhar os filhos em casa e comunicar com a escola, sempre que necessário. Aos diretores de turma compete manter os pais informados, dialogar com eles e pedir-lhes colaboração para atividades curriculares e extracurriculares. O diálogo com os pais serve para dar e receber informações. Serve ainda para concertar estratégias de ação, que facilitem a prevenção ou a resolução de eventuais problemas de aproveitamento ou comportamento. A família e a escola têm funções distintas, mas devem

---

<sup>23</sup> Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, nº 213, Principia, São João de Estoril, Cascais, 2005.

<sup>24</sup> A. ESTANQUEIRO, *Relação Pedagógica*, in *Pastoral Catequética*, 26 (2013) p. 103.



cooperar. A participação ativa dos pais na vida escolar dos filhos, com respeito pela autonomia pedagógica dos professores, contribui para aumentar a qualidade da educação<sup>25</sup>.

O quarto motivo que me levou a escolher o tema “A Família, Comunidade de Amor” foi o facto de a família ter uma função insubstituível no despertar religioso das crianças. Podemos dizer que a família é o primeiro e principal responsável na suscitação e no amadurecimento da fé na vida das crianças.

O quinto motivo que me levou a enveredar por esta temática foi o facto de este ser um tema que motiva, em geral, os alunos, na medida em que é uma realidade muito próxima, que desperta neles valores como amor, carinho, respeito, alegria, confiança, e a vontade de saber mais. Ao seleccionar este tema, foi interessante observar a motivação e o empenho dos alunos ao longo das sete aulas que eu lecionei. Neles houve uma grande vontade de aprender cada vez mais. Os alunos vibravam e deliciavam-se em exprimir as suas próprias experiências pessoais vividas nas famílias.

Sem dúvida podemos dizer que a UL “A Família, Comunidade de Amor” é uma unidade letiva muito enriquecedora, na medida em que permite aos alunos tomarem consciência da importância que a família tem na sua vida pessoal, escolar, social, dando-lhes motivação para superar as dificuldades que possam ocorrer na sua vida. Ao longo da UL 3 “A família comunidade de amor” conseguimos trabalhar e alcançar vários objetivos. Os alunos perceberam que a família que cumpre a sua missão é um espaço de reencontro, no qual cada elemento familiar se fortalece para enfrentar diariamente as surpresas da vida. Os valores transmitidos na família são essenciais para que os adolescentes cresçam de uma forma saudável e plena, sem medo de ultrapassar os obstáculos que possam ocorrer ao longo do percurso pessoal, escolar e profissional.

O tema “família” é sempre atual e de grande relevo na sociedade em geral e na Igreja em particular. É sobejamente conhecido e inquestionável que o nosso património tem a sua

---

<sup>25</sup> Cf. *Ibidem*.

matriz cultural na religião cristã. A Igreja sempre refletiu e continua a refletir sobre os problemas que afetam as famílias, lutando contra tudo aquilo que a impede de crescer no amor, na fidelidade, no dom de si, na ajuda desinteressada, na comunhão cada vez mais plena, no diálogo harmonioso e na capacidade de perdoar. São numerosos os documentos do Magistério que nos falam da importância da família para o desenvolvimento e a realização humana<sup>26</sup>.

O Magistério verdadeiramente reconhece que a família constitui um património da humanidade, uma instituição social fundamental, a célula vital e o pilar da sociedade. Trata-se de uma realidade que todos os Estados devem ter na máxima consideração porque, “o futuro da humanidade passa pela família”<sup>27</sup>. Pareceu-me que é importante fazer uma fundamentação científica da UL 3 do 5º ano de escolaridade do programa de Educação Moral Religiosa Católica percorrendo os textos do magistério mais significativos, que caracterizam a família como uma comunidade de amor.

A situação em que se encontra a família apresenta aspetos positivos e aspetos negativos. Por um lado, existe uma consciência mais viva da liberdade pessoal e uma maior atenção à qualidade das relações interpessoais no matrimónio, à promoção da dignidade da mulher, à procriação responsável, à educação dos filhos. Há, além disso, “a consciência da necessidade de desenvolver relações entre as famílias por uma ajuda recíproca espiritual e material, a redescoberta da missão eclesial própria da família e da sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa”<sup>28</sup>.

Por outro lado, na atual cultura existem sinais de degradação preocupantes de alguns valores fundamentais. Neste sentido afirma o Papa Bento XVI:

“Na atual cultura exalta-se com muita frequência a liberdade do indivíduo concebido como pessoa autónoma, como se ele se tivesse feito sozinho e se bastasse a si mesmo, à margem da

---

<sup>26</sup> Como exemplo de alguns dos documentos mais relevantes a este nível podemos indicar: *Gaudium et Spes*; *Christifideles Laici*; *Familiaris Consortio*; Carta do Papa às Famílias; *Gravissimum Educationis*; *A Família, Esperança da Igreja e do Mundo*; *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*.

<sup>27</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, nº 86, 2ª ed. Editorial A. O, Braga, 1982.

<sup>28</sup> *Ibidem*, nº 6.

sua relação com os demais e sem o sentido da responsabilidade para com o próximo. Procura-se organizar a vida social só a partir de desejos subjetivos e transitórios, sem qualquer referência a uma verdade objetiva prévia como a dignidade de cada ser humano e os seus deveres e direitos inalienáveis, a cujo serviço deve estar todo o grupo social”<sup>29</sup>.

Além disso, uma errada conceção teórica e prática da independência dos cônjuges entre si; as graves ambiguidades acerca da relação de autoridade entre pais e filhos; as dificuldades concretas, que a família muitas vezes experimenta na transmissão dos valores; o número crescente dos divórcios, o aborto são aspetos negativos e preocupantes<sup>30</sup>.

Os pais devem, com confiança e coragem, formar os filhos para os valores essenciais da vida humana. Os filhos devem crescer numa justa liberdade diante dos bens materiais, adotando um estilo de vida simples e austero, convencidos de que ‘a pessoa vale mais pelo que é do que pelo que tem’. Num contexto da preeminência de diversos individualismos e egoísmos, os filhos devem enriquecer-se não só do sentido da verdadeira justiça que, por si só conduz ao respeito pela dignidade pessoal de cada um, mas também e, ainda mais, do sentido do verdadeiro amor, como solicitude sincera e serviço desinteressado para com os outros<sup>31</sup>.

Hoje em dia fala-se muito da família, mas pouco da família como comunidade de amor. Os alunos precisam de descobrir o valor central da vida familiar, o amor. É urgente que cada homem de boa vontade se empenhe em salvar e promover os valores da família. Os textos do

---

<sup>29</sup> BENTO XVI, *Homilia do Santo Padre na Celebração Eucarística por Ocasão do Encerramento do V Encontro Mundial das Famílias*. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias, 9 de Julho de 2006, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20060709\\_valencia\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060709_valencia_po.html), Consultado a 7 de Agosto de 2014.

<sup>30</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, nº 6.

<sup>31</sup> Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Os Filhos, Primavera da Família e da Sociedade*, Temas de Reflexão e Diálogo em Preparação ao III Encontro Mundial do Papa com as Famílias, in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/family/documents/rc\\_pc\\_family\\_doc\\_20001014\\_rome-jubilee-of-families-index\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20001014_rome-jubilee-of-families-index_po.html), Consultado a 10 de Agosto de 2014.

magistério são tão importantes na promoção e na descoberta da família como comunidade de amor.

#### 4. Desafios e interrogações

Ao longo da preparação da UL 3 “A Família Comunidade de Amor” tive em consideração, como já foi referido, tês metas específicas entre 17 metas para serem trabalhadas nomeadamente: **B.** Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; **O.** Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano; **R.** Identificar o fundamento religioso da moral cristã. Fiz uma opção rigorosa na seleção de materiais para alcançar os objetivos da aula. As estratégias diversificadas facilitaram o melhor andamento das aulas. Houve colaboração por parte dos alunos em todas as atividades solicitadas ao longo da unidade letiva. Os alunos mostraram interesse e empenho nas atividades propostas.

Falando de família, o que podemos começar por dizer, é que se trata de um vocábulo tão generalizado pelo mundo e na vida quotidiana e de um uso tão corrente nos escritos científicos ou populares, que se tornaria muito difícil enumerar todas as suas ocorrências. Por outro lado, a polissemia deste termo testemunha a variedade histórica da instituição que ele denomina.

“A palavra *‘familia’* é de origem latina: apareceu em Roma derivada de *‘famulus’*, que quer dizer servidor, mas não se aplica ao que entendemos atualmente por este termo. Na Roma Antiga *‘familia’* designava o conjunto dos escravos e dos servidores, mas também toda a *‘domus’* (casa), isto é, todos os indivíduos que vivem sob o mesmo teto e os bens patrimoniais pertencentes a essa casa, numa hierarquia que mantinha, por um lado, o senhor e, por outro, a mulher, os filhos e os servidores, vivendo sob a sua dominação. Por extensão de sentido, *‘familia’* chegou a designar os *‘agnati’*, parentes pertencendo à linha paterna, e os *‘cognati’*, parentes concernentes à linha materna, assim como o conjunto dos parentes unidos pelos laços de sangue, vindo a tornar-se em sinónimo de *‘gens’* (grupo de famílias cujos chefes dependiam de um antepassado comum), pelo menos na linguagem corrente. Estas diversas unidades de parentesco, reunimo-las e designamo-las, hoje, muito frequentemente, de família alargada ou parentela, embora sob o ponto de vista das estruturas, dos papéis e das funções, a noção de

família alargada reenvie a uma outra forma de família. Seja como for, estas unidades de parentesco, têm variado de extensão segundo os locais, as épocas, os grupos sociais e as circunstâncias”<sup>32</sup>.

Historicamente, o que podemos dizer de mais elementar, é que a família, sendo uma instituição antiga, universal, de formação multivariada e culturalmente determinada, tem sabido resistir e adaptar-se a todas as transformações e mutações familiares e sociais, tendo ela própria participado, enquanto ‘sujeito-ator’, nessa mesma dinâmica social ao longo dos tempos. Duma tal observação pode retirar-se uma conclusão bem interessante: por todo o lado, a família é uma instituição basilar a ponto de que, até ao presente, nenhuma sociedade consegue passar sem ela, apesar de todas as transformações e mesmo mutações, os pessimismos, os discursos sobre a ‘crise’ da família e até de alguns considerarem que uma sociedade sem família é possível, como Platão, contra a opinião de Aristóteles, que considera que a família é natural e que toda a cidade é composta por famílias, ou ainda daqueles que anunciam a morte da família. Daí que se possa dizer que a questão da reorganização familiar é ‘transtemporal e transcultural’<sup>33</sup>.

A família continua a ser uma instituição suprafuncional que permite uma tríplice mediação:

“a) entre o indivíduo e a sociedade, enquanto é um locus essencial da socialização e onde a criança toma contacto, salvo em caso de defetividade, com as imagens masculina e feminina; b) entre a natureza e a cultura, através de uma articulação entre o inato e o adquirido; c) entre esfera privada e esfera pública, aprendendo a distinção entre o interno e o externo à família”<sup>34</sup>.

A família “não é um simples estar juntos ou uma mera comunidade de afetos, nem sequer uma qualquer coabitação, mas ‘uma relação simbólica e estrutural que liga as pessoas entre si num projeto de vida que intercepta (...) uma dimensão horizontal (a do casal) e uma dimensão vertical (a das relações de descendência/ascendência)”<sup>35</sup>. Ela continua a ser o sujeito micro-social por excelência da solidariedade e um sujeito de redes primárias, essenciais para a saúde e o bem-estar das pessoas.

---

<sup>32</sup> M. E. LEANDRO, *Transformações da Família na História do Ocidente*, in *Theológica*, 41 (2006) p. 52.

<sup>33</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>34</sup> J. C. LOUREIRO, *Jovens e Família*, in *Estudos – Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*, Nova Série 3, Tomo I (2004) p. 505.

<sup>35</sup> *Ibidem*.

O tema da família não é estranho à revelação divina. A instituição familiar constitui a primeira comunidade onde o ser humano cresce, se desenvolve e cria os primeiros laços de confiança com os outros. Segundo a *Gaudium et Spes*, Deus não criou o homem sozinho. “Desde o princípio criou-os ‘varão e mulher’ (Gén. 1,27); e a sua união constitui a primeira forma de comunhão entre pessoas”<sup>36</sup>. João Paulo II, na Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, afirma que a família delinea-se, no desígnio do Criador, como o lugar primário da humanização da pessoa e da sociedade e, o berço da vida e do amor<sup>37</sup>.

São numerosos os documentos do Magistério que nos falam sobre a importância da família para o desenvolvimento e a realização humanas. Para o Magistério eclesial o amor é o fundamento da família. Uma família que pretenda realizar nas suas relações a sua vocação cristã e o seu projeto de vida, só tem um caminho: que as suas relações sejam inspiradas e alimentadas pelo amor. De outra maneira, não será uma verdadeira família, mas antes um grupo de pessoas que decidem viver juntas. Um olhar nos documentos da Igreja demonstra que a família é basicamente uma comunidade de amor. Parece-nos que o tema da família de ponto de vista da reflexão da Igreja, não está suficientemente abordado e pensado na UL 3. Assim, propomo-nos abordar e aprofundar alguns temas ligados “A Família, Comunidade de Amor” no pensamento do Magistério.

---

<sup>36</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 12.

<sup>37</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Christifideles Laici*, nº 40, Editorial A. O, Braga, 1989.

## CAPÍTULO II

### A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR, NO PENSAMENTO DO MAGISTÉRIO

#### 1. O amor como fundamento da família

O homem é criado ‘à imagem e semelhança’ de Deus (Gn 1,26). Ser ‘imagem e semelhança’ de um Deus que é amor e comunhão pessoal, significa que o homem é chamado a realizar a sua existência no amor e a dar testemunho do amor. “O amor é, portanto, a fundamental e original vocação do ser humano”<sup>38</sup>. É no amor que o homem se realiza, que a sua existência se completa e adquire sentido pleno. O homem é, portanto, um ser-em-relação, um ser para os outros. O homem não pode viver sem amor. Na verdade o ser humano “permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se não se encontra com o amor, se o não experimenta e o não torna algo de si próprio, se nele não participa vivamente”<sup>39</sup>.

A família é o lugar privilegiado de experimentar este amor tão íntimo do coração humano. Segundo o Papa Bento XVI, “a família é o ambiente privilegiado onde cada pessoa aprende a dar e receber amor”<sup>40</sup>. É o espaço vital do desenvolvimento integral da pessoa humana, porque quando o ser humano chega a este mundo, é a família que o acolhe e é nela que ele aprende a dar os primeiros passos; é na família que ele encontra as primeiras relações que o vão ajudar a desenvolver todas as suas potencialidades pessoais e sociais; é na família que ele toma consciência da sua dignidade e que aprende os valores; é na família que ele se descobre como ser chamado à comunhão e ao amor.

---

<sup>38</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, n° 11.

<sup>39</sup> JOÃO PAULO II, *Redemptor Hominis*, n° 10, 4ª ed. Editorial A. O, Braga, 1980.

<sup>40</sup> BENTO XVI, *Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração*. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias, 8 de Julho de 2006, Consultado a 5 de Agosto de 2014.

Hoje em dia, fala-se de família, da sua constituição, dos vários tipos de família, dos inúmeros problemas familiares, enfim, de quase tudo o que à família diz respeito. Numa sociedade tão pluralista e dinâmica, com tantas ideologias e modos de estar, o amor na família é, muitas vezes e de muitos modos, confundido e considerado como qualquer coisa secundária à vida familiar. Apesar disso, é preciso que os adolescentes sejam capazes de compreender que uma família feliz é aquela que tem por alicerce a vivência do amor.

Na família, o amor começa pelos esposos que se doam, entregam e respeitam um ao outro em comunhão conjugal. “Esta comunhão conjugal radica na complementaridade natural que existe entre o homem e a mulher e alimenta-se mediante a vontade pessoal dos esposos de compartilhar, num plano de vida integral, o que têm e o que são”<sup>41</sup>. Este amor desinteressado, gratuito e que deseja sempre o bem do outro vai criando laços de comunhão.

Unidos pelo matrimónio, um homem e uma mulher entregam-se um ao outro, prometem fidelidade, constituem “uma só carne”, e vivem em comunhão de amor, formando uma comunidade, uma família, a qual “sem o amor (...) não pode viver crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas”<sup>42</sup>. A comunidade de pessoas unidas pelo amor transmite aos filhos aquilo que por eles é vivido, porque “a comunhão conjugal constitui o fundamento sobre o qual se continua a edificar a mais ampla comunhão da família: dos pais e dos filhos, dos irmãos e das irmãs entre si, dos parentes e de outros familiares”<sup>43</sup>. O amor é a “força interior que dá forma e vida à comunhão e à comunidade familiar”<sup>44</sup>. Podemos dizer que, quanto mais profunda for a relação entre duas pessoas, tanto mais íntimos serão os gestos utilizados para exprimir essa relação. Assim se formam cidadãos bons e responsáveis, onde todos os membros da família vão sentindo a corresponsabilidade de edificar “a comunhão de pessoas, fazendo da família uma ‘escola de humanismo mais completo e mais rico’. Isto consegue-se por meio dos cuidados e o amor para com os mais pequenos, os doentes e os

---

<sup>41</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, n° 19.

<sup>42</sup> *Ibidem*, n° 18.

<sup>43</sup> *Ibidem*, n° 21.

<sup>44</sup> *Ibidem*.



anciãos; com o serviço recíproco de todos os dias; com a participação nos bens, nas alegrias e nos sofrimentos”<sup>45</sup>.

A Constituição ‘*Gaudium et Spes*’ afirma ainda que, entre os vários tipos de comunidades humanas, a família apresenta-se como aquela que nasce do amor entre o homem e a mulher (os esposos), e é com base nessa união de respeito e entrega mútua, que se constrói um novo projeto de vida a dois, abençoado por Deus. Através do sacramento do matrimónio, os esposos selam o seu amor, ‘imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja’<sup>46</sup>. Passam assim a ser testemunho vivo da sua comunhão, vivida em fidelidade, cujo amor se torna fecundo com o dom dos filhos. Tratando-se dum Sacramento, esta união tem a garantia da bênção e da graça de Deus, de quem procede todo o amor.

Reforçando as ideias expressas na *Gaudium et Spes*, o documento *Familiaris Consortio* fala sobre o principal fundamento do matrimónio e da família dizendo que Deus que é amor e que deseja estabelecer com os homens uma aliança de amor. Segundo a *Familiaris Consortio*:

“Comunhão conjugal radica na complementaridade natural que existe entre o homem e a mulher e alimenta-se mediante a vontade pessoal dos esposos de partilhar, num plano de vida integral, o que têm e o que são. Por isso, tal comunhão é fruto e sinal de uma exigência profundamente humana. Em Cristo, Deus assume esta exigência humana, confirma-a, purifica-a e eleva-a, leva-a à perfeição pelo sacramento do matrimónio: o Espírito Santo derramado no decurso da celebração sacramental, oferece aos esposos cristãos o dom de uma comunidade nova, comunhão de amor, que é a imagem viva e real daquela unidade singularíssima, que torna a Igreja o indivisível Corpo Místico do Senhor”<sup>47</sup>.

Podemos concluir que “a família encontra no amor o motivo e o estímulo incessante para acolher, respeitar e promover cada um dos seus membros na altíssima dignidade de pessoas, isto é, de imagens vivas de Deus”<sup>48</sup>. O amor é o primeiro e mais importante valor pelo qual cada família se deve guiar. Sem amor não há verdadeira vida familiar. O amor é a

---

<sup>45</sup> *Ibidem*.

<sup>46</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 48.

<sup>47</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, nº 19.

<sup>48</sup> *Ibidem*, nº 22.

base para todas as famílias. O amor é doação, entrega total e disponibilidade completa. Na vida familiar existem numerosas oportunidades para renunciarmos a nós próprios, pelo bem dos outros. Isto exige espírito de sacrifício e doação aos outros. Vivendo assim, “imitamos a vida íntima de Deus, e transformamos as nossas casas, as nossas Igrejas domésticas, em santuários de caridade, postos avançados do céu”<sup>49</sup>. Amar é dar a vida. Isto é, dar-se a si mesmo. Quando existe amor na vida familiar, existe confiança, apoio, diálogo, fidelidade, perdão, proteção, partilha, compreensão. Por fim, podemos dizer que o amor é o fundamento da família.

## **2. A união matrimonial**

A família, no plano de Deus, é manifestada desde a Criação, onde o homem e a mulher aparecem como co-criadores com o Senhor e chamados a ser sábios administradores da criação. Deus criou os seres humanos: ‘Criou à sua imagem e semelhança’, ou seja dinâmicos e capazes de construir a vida pessoal e social conforme os desígnios de Deus sobre cada realidade. A realidade do ser-em-relação manifesta-se, segundo a revelação bíblica, na bipolaridade sexuada do homem e da mulher (cf. Gn 1,27). Nesse ponto de vista, “o homem criado à imagem e semelhança de Deus, é homem e mulher: dois indivíduos, uma única realidade humana, chamados à unidade que exprime e anuncia a vocação de unidade e harmonia do próprio cosmos”<sup>50</sup>.

A unidade não é uma ‘fusão’ na qual os dois sujeitos perdem a sua identidade, mas é uma comunhão, onde cada um mantendo a sua individualidade, a reconhece continuamente na relação. “No par humano, o ser humano afirma-se como relacional, isto é, alguém que se descobre no dom de si próprio e que se constrói na relação com o outro. Sem anular o

---

<sup>49</sup> S. HAHN, *Primeiro, É o Amor: Encontrar a Própria Família na Igreja e na Trindade*, Diel, Lisboa, 2006, p. 125.

<sup>50</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Família, Esperança da Igreja e do Mundo*, nº 5, ed. Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2004.

indivíduo, este torna-se pessoa, porque encontra a sua verdade e a sua realização no amor partilhado”<sup>51</sup>.

Os seres humanos têm igual dignidade, mas têm diferenças, pois o *masculino* é diferente do *feminino*, porém esta *alteridade* deve ser vivida na *reciprocidade* e complementaridade, construindo uma unidade fecunda. A revelação bíblica afirma “por isso, o homem deixa pai e mãe e se une à sua mulher, e eles se tornam um só carne” (Gn 2, 14). Um homem e uma mulher, que deixam os seus pais e partem para multiplicar-se e gerar novas vidas, encontram na dádiva a plena realização.

A capacidade de amar e de ser amado tem a sua expressão mais plena na união estável de um homem e de uma mulher. A esta decisão chega-se, nesse processo de maturação do amor, quando a pessoa se torna capaz de contrair um compromisso de doação, de entrega e de fidelidade com outra de um outro sexo. “O matrimónio é o modo particular e específico de realizar essa entrega que o amor esponsal exige. Ao ligar-se um ao outro por um amor fiel, exclusivo e indissolúvel, que os compromete para sempre, os esposos tornam-se ‘uma só carne’ (Gn 2,24). Essa união natural, realizada com e por amor, aperfeiçoa-se e consolida-se dia a dia a partir desse mesmo amor”<sup>52</sup>.

A Constituição pastoral ‘*Gaudium et Spes*’ define de forma completa o que é o matrimónio cristão:

“A íntima comunidade da vida e do amor conjugal, fundada pelo Criador e dotada de leis próprias, é instituída por meio da aliança matrimonial, ou seja pelo irrevogável consentimento pessoal. Deste modo, por meio do acto humano com o qual os cônjuges mutuamente se dão e recebem um ao outro, nasce uma instituição também à face da sociedade, confirmada pela lei divina. Em vista do bem tanto dos esposos e da prole como da sociedade, este sagrado vínculo não está ao arbítrio da vontade humana. O próprio Deus é o autor do matrimónio”<sup>53</sup>.

---

<sup>51</sup> *Ibidem*.

<sup>52</sup> *Ibidem*, nº 6.

<sup>53</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 48.

O matrimónio não só é principalmente uma criação devida às convenções humanas e às imposições legislativas, mas deve a sua estabilidade ao ordenamento divino. O matrimónio, que torna ambos os esposos um só (cf. Mt 19,6), orienta-se para o socorro mútuo de marido e mulher e o bem dos filhos, pelo que deve, necessariamente, basear-se na “inteira fidelidade dos cônjuges e a indissolubilidade da sua união”<sup>54</sup>

O matrimónio tem vários traços característicos: “a *totalidade*, por força da qual os cônjuges se doam reciprocamente em todas as componentes da pessoa, físicas e espirituais; a *unidade*, que os torna ‘uma só carne’ (Gn 2,24); a *indissolubilidade* e a *fidelidade* que a doação recíproca definitiva exige”<sup>55</sup>. Para o cristianismo a poligamia é uma negação radical do desígnio original de Deus. Isto porque a poligamia contraria a igual dignidade pessoal entre o homem e a mulher, que no matrimónio se doam com um amor total e por isso mesmo único e exclusivo<sup>56</sup>. A ideia contemporânea de uma série indeterminada de contratos que se podem escolher e romper à vontade conforme os seus interesses, não está em conformidade com o pensamento do Magistério católico<sup>57</sup>.

A realidade humana e originária do matrimónio é vivida pelos batizados, por instituição de Cristo, na forma sobrenatural do sacramento, sinal e instrumento de Graça. A história da salvação é atravessada pelo tema da aliança sponsal, expressão significativa da comunhão de amor entre Deus e os homens e chave simbólica para compreender as etapas da grande aliança entre Deus e o Seu povo<sup>58</sup>. O centro da revelação do projeto de amor divino é o dom que Deus faz à humanidade do seu Filho Jesus Cristo. Do amor sponsal de Cristo pela Igreja, que mostra a sua plenitude na oferta consumada na Cruz, brota a sacramentalidade do

---

<sup>54</sup> *Ibidem*.

<sup>55</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, nº 217.

<sup>56</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, nº 19.

<sup>57</sup> Cf. C. S. CARVALHO, *A família e o seu Insubstituível Papel Educativo*, in *Pastoral Catequética*, 9 (2007) p. 97.

<sup>58</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, nº 12.

matrimónio, cuja Graça conforma o amor dos cônjuges ao Amor de Cristo pela Igreja. O matrimónio, enquanto sacramento, é uma aliança de um homem e uma mulher no amor<sup>59</sup>.

“A caridade conjugal, que brota da caridade mesma de Cristo, oferecida através do Sacramento, torna os cônjuges cristãos testemunhas de uma sociabilidade nova, inspirada no Evangelho e no Mistério Pascal. A dimensão natural do seu amor é constantemente purificada, consolidada e elevada pela graça sacramental. Deste modo, os cônjuges cristãos, para além de se ajudarem reciprocamente no caminho de santificação, convertem-se em sinal e instrumento da caridade de Cristo no mundo. Com a sua própria vida, eles são chamados a ser testemunhas e anunciadores do significado religioso do matrimónio, que a sociedade atual sente sempre mais dificuldade em reconhecer, especialmente quando acolhe visões que tendem a relativizar até mesmo o fundamento natural do instituto matrimonial”<sup>60</sup>.

A união matrimonial é uma união frutificante e dinâmica, que se prolonga na fecundidade. Está ordenada, por meio da procriação, à edificação da comunidade familiar. A família é ‘o santuário da vida’ e está ao serviço da vida. Os filhos, como fruto do amor e união matrimonial, são, por sua vez, fonte do amor. Eles dão sentido à vida dos cônjuges e tornam-se um dom para os pais. Os filhos não são um ‘acessório’ no projeto de uma vida conjugal. Na verdade eles são um ‘dom preciosíssimo’ inscrito na própria estrutura da união matrimonial<sup>61</sup>.

“Pelo compromisso matrimonial, os cônjuges ligam-se um ao outro por um amor fiel, exclusivo e indissolúvel que os compromete para sempre numa vida de partilha, de doação recíproca e de entrega total”<sup>62</sup>. Contudo, diversas situações como a infidelidade, a mentira, a incapacidade para se dar totalmente, a procura do próprio prazer e dos próprios interesses por cima dos interesses comuns, conduzem para a rutura do compromisso matrimonial<sup>63</sup>.

---

<sup>59</sup> Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, nº 219.

<sup>60</sup> *Ibidem*, nº 220.

<sup>61</sup> CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Família, Esperança da Igreja e do Mundo*, nº 6.

<sup>62</sup> *Ibidem*, nº 18.

<sup>63</sup> Cf. *Ibidem*.

### 3. A família e transmissão da vida

O amor plenamente humano que une os cônjuges é fecundo. Portanto, o amor conjugal é por sua natureza aberto ao acolhimento da vida<sup>64</sup>. Na tarefa procriadora revela-se de modo eminente a dignidade do ser humano, chamado a ser interprete da bondade e da fecundidade que provêm de Deus. A este propósito o Papa João Paulo II afirma:

“A paternidade e a maternidade humana, mesmo sendo *biologicamente semelhantes* às de outros seres da natureza, têm em si mesmas de modo essencial e exclusivo uma “*semelhança*” com Deus, sobre a qual se funda a família, concebida como comunidade de vida humana, como comunidade de pessoas unidas no amor”<sup>65</sup>.

Os cônjuges, enquanto pais, são colaboradores de Deus Criador na concepção e geração de um novo ser humano. Na paternidade e maternidade humana, o próprio Deus está presente de um modo diverso do que se verifica em qualquer outra geração sobre a terra. Neste sentido o Papa João Paulo II afirma que o homem é a única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma. A origem do homem não obedece apenas às leis da biologia, mas também à vontade criadora de Deus. É a esta vontade que se fica a dever a genealogia dos filhos e filhas das famílias humanas<sup>66</sup>.

O Papa João Paulo II continua declarando:

“Deus ‘quis’ o homem desde o princípio e Deus ‘qué-lo’ em cada concepção e nascimento humano. Deus ‘quer’ o homem como ser semelhante a Si, como pessoa. Este homem, cada homem, é criado por Deus ‘por si mesmo’. Isto aplica-se a todos, incluindo aqueles que nascem com doenças ou deficiências. Na constituição pessoal de cada um, está inscrita a vontade de Deus que quer o homem como fim, em certo sentido, de si mesmo. Deus entrega o homem a si mesmo, confiando-o simultaneamente à família e à sociedade, como sua tarefa”<sup>67</sup>.

A procriação expressa a subjetividade social da família e dá início a um dinamismo de amor e de solidariedade entre as gerações que está na base da sociedade. Cada criança “faz de

---

<sup>64</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, 1652.

<sup>65</sup> JOÃO PAULO II, *Carta do Papa às Famílias*, nº 6, 3ª ed. Editorial A. O, Braga, 1994.

<sup>66</sup> Cf. *Ibidem*, nº 9.

<sup>67</sup> *Ibidem*.

si um dom aos irmãos, às irmãs, aos pais, à família inteira. *A sua vida torna-se dom para os próprios doadores da vida*, que não poderão deixar de sentir a presença do filho, a sua participação na própria existência, o seu contributo para o bem comum de ambos e da família”<sup>68</sup>.

A família é verdadeiramente o santuário da vida. É o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os numerosos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico. O papel da família para promover e construir a cultura da vida, é decisivo e insubstituível<sup>69</sup>.

Neste sentido, a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* afirma:

“a vida humana, mesmo se débil e enferma, é sempre um esplêndido dom do Deus da bondade. Contra o pessimismo e o egoísmo que obscurecem o mundo, a Igreja está do lado da vida. E em cada vida humana sabe descobrir o esplendor do ‘Sim’ do ‘Amen’ que é o próprio Cristo. Ao ‘não’ que invade e aflige o mundo, contrapõe este ‘Sim’ vivente, defendendo deste modo o homem e o mundo de quantos insidiam e rebaixam a vida”<sup>70</sup>.

As famílias cristãs, em força do sacramento recebido, têm a missão peculiar de ser testemunhas e anunciadoras do Evangelho da vida. É um compromisso de cada família cristã. É por este motivo que “servir o *Evangelho da vida* implica que as famílias, nomeadamente tomando parte em associações apropriadas, se empenhem em que as leis e as instituições do Estado não lesem de modo algum o direito à vida, desde a sua conceção até à morte natural, mas o defendam e promovam”<sup>71</sup>.

É importante notar que a família contribui de modo eminente para o bem social através da paternidade e da maternidade responsáveis, formas peculiares da especial participação dos cônjuges na obra criadora de Deus<sup>72</sup>. Esta especial participação não pode ser invocada para

---

<sup>68</sup> *Ibidem*, nº 11.

<sup>69</sup> Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, nº 231.

<sup>70</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, nº 30.

<sup>71</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, nº 93, Rei dos Livros, Lisboa, 1995.

<sup>72</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 50.

justificar fechamentos egoísticos, mas deve guiar as escolhas dos cônjuges para um generoso acolhimento da vida. Neste sentido na *Humanae vitae* afirma-se:

“Em relação às condições físicas, económicas, psicológicas e sociais, a paternidade responsável exerce-se tanto com a deliberação ponderada e generosa de fazer crescer uma família numerosa, como a decisão, tomada por motivos graves e com respeito pela lei moral, de evitar temporariamente, ou mesmo por tempo indeterminado, um novo nascimento”<sup>73</sup>.

As motivações que devem guiar os esposos no exercício responsável da paternidade e da maternidade derivam do pleno reconhecimento dos próprios deveres para com Deus, para consigo próprios, para com a família e para com a sociedade, numa justa hierarquia de valores.

Os pais, como ministros da vida, não devem nunca esquecer que a dimensão espiritual da procriação merece uma consideração superior à reservada a qualquer outro aspeto. Neste sentido o Papa João Paulo II afirma: “A paternidade e a maternidade representam *uma tarefa de natureza conjuntamente física e espiritual*; porque a genealogia da pessoa, que tem o seu começo eterno em Deus e a Ele deve conduzir”<sup>74</sup>.

Acolhendo a vida humana na unidade das suas dimensões, físicas e espirituais, as famílias colaboram para a comunhão das gerações, continuidade da espécie, e dão, deste modo, um contributo fundamental e indispensável para o desenvolvimento da sociedade. Por isto, “a família tem o direito à assistência da sociedade no que se refere aos seus deveres na procriação e educação dos filhos. Os casais com família numerosa têm direito a uma ajuda adequada e não devem ser discriminados”<sup>75</sup>.

A precária situação económica, profissional e de habitação em que muitos jovens se encontram ao casar dificulta-lhes a adaptação ao novo modo de viver e a estabilização numa vida de casados equilibrada, confiante e feliz. Muitas vezes os jovens casam endividados, sem

---

<sup>73</sup> PAULO VI, *Humanae Vitae*, nº 10, Rei dos livros, Lisboa, 1987.

<sup>74</sup> JOÃO PAULO II, *Carta do Papa às Famílias*, nº 10.

<sup>75</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, nº 237.



emprego seguro, sem casa própria. Hoje em dia, como podemos ver, a compra ou o aluguer da casa tornou-se um peso enorme para as famílias. O desemprego, a injustiça fiscal, a pouca proteção dada à maternidade são fatores que afetam os casais jovens. São precisamente, algumas razões fundamentais para a diminuição do número de filhos<sup>76</sup>.

As manifestações de violência e de desrespeito pela dignidade do outro - do cônjuge, dos filhos, dos idosos, dos doentes, das pessoas portadoras de deficiência - são traições à vida. O aborto provocado é, na perspetiva do Magistério da Igreja, um crime contra a vida “particularmente grave e abjurável”<sup>77</sup>. Tudo aquilo que nega a vocação da família a ser santuário da vida atenta contra a verdade e a integridade da própria família.

#### **4. A família e a educação dos filhos**

A família tem um papel de todo original e insubstituível na educação dos filhos. Ela é o lugar afetivo e social onde a pessoa nasce, cresce e se desenvolve, necessitando sempre de convívio, acolhimento, socialização, interajuda e solidariedade gratuitos, o que só o laço de parentesco pode fornecer e nenhuma escola pode completamente fornecer. Os pais, mesmo que adotivos, são os educadores naturais. Os membros da família são os primeiros educadores no tempo e na influência<sup>78</sup>. Neste sentido o Concílio Vaticano II afirma: “a família é, prioritariamente, como que a mãe e a fonte da educação: nela, os filhos, rodeados de amor, aprendem mais facilmente a recta ordem das coisas”<sup>79</sup>.

A família tem a responsabilidade de oferecer uma educação integral. O objetivo maior da educação é “a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma

---

<sup>76</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Família, Esperança da Igreja e do Mundo*, nº 13-16.

<sup>77</sup> JOÃO PAULO II, *Evangelium Vitae*, nº 58.

<sup>78</sup> Cf. C. S. CARVALHO, *A Família e o seu Insubstituível Papel Educativo*, p. 96.

<sup>79</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 61.

vez adulto, tomará parte”<sup>80</sup>. Para isso, é indispensável ajudar as crianças, os adolescentes e os adultos, de qualquer condição ou idade, e em razão da sua dignidade de filhos de Deus, feitos à Sua imagem e semelhança, naquilo que os promove, “em ordem ao desenvolvimento harmónico das qualidades físicas, morais e intelectuais e à aquisição gradual dum sentido mais perfeito da responsabilidade na própria vida, rectamente cultivada com esforço contínuo e levada por diante na verdadeira liberdade”<sup>81</sup>.

Com a obra educativa, a família forma o homem para o desenvolvimento da sua dignidade pessoal, segundo todas as suas dimensões, inclusivamente a dimensão social. Na verdade, podemos dizer que a família constitui uma comunidade de amor e de solidariedade, insubstituível para o ensino e a transmissão dos valores culturais, éticos, sociais, espirituais e religiosos, essenciais para o desenvolvimento e bem-estar de seus próprios membros e da sociedade.

A família ajuda as pessoas a crescer na liberdade e na responsabilidade, requisitos imprescindíveis para se assumir qualquer tarefa na sociedade moderna. Neste sentido o Papa Bento XVI afirma:

“uma das maiores tarefas da família é a de formar pessoas livres e responsáveis. Por isso os pais devem ir *desenvolvendo* nos seus filhos a liberdade, da qual durante algum tempo são tutores. Se estes vêem que seus pais e em geral os adultos que os rodeiam vivem a vida com alegria e entusiasmo, apesar das dificuldades, crescerá neles mais facilmente esse prazer imenso de viver que os ajudará a superar certamente os possíveis obstáculos e contrariedades que a vida humana comporta. Ademais, quando a família não se fecha em si mesma, os filhos vão aprendendo que toda a pessoa é digna de ser amada, e que tem uma fraternidade fundamental universal entre todos os seres humanos”<sup>82</sup>.

O dever de educar os filhos tem as suas raízes na vocação primordial dos esposos em participar na obra criadora de Deus. Gerando no amor e por amor uma nova pessoa, os pais

---

<sup>80</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gravissimum Educationis*, nº1, Editorial A. O, Braga, 1987.

<sup>81</sup> *Ibidem*.

<sup>82</sup> BENTO XVI, *Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração*. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias, 8 de Julho de 2006, Consultado a 5 de Agosto de 2014.

assumem, por isso mesmo, o dever de a ajudar eficazmente a viver uma vida plenamente humana. O Concílio Vaticano II recorda dizendo:

“os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm uma gravíssima obrigação de educar a prole e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e principais educadores. Esta função educativa é de tanto peso que, onde não existir, dificilmente poderá ser suprida. Com efeito, é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade”<sup>83</sup>.

O amor dos pais colocando-se ao serviço dos filhos para extrair deles o melhor de si, tem a sua plena concretização precisamente na tarefa educativa. “O amor dos pais de *fonte* torna-se *alma* e, portanto, *norma*, que inspira e guia toda a acção educativa concreta, enriquecendo-a com aqueles valores de docilidade, constância, bondade, serviço, desinteresse, espírito de sacrifício, que são o fruto mais precioso do amor”<sup>84</sup>.

Podemos dizer que a generosidade, a disponibilidade para partilhar, a compreensão, a tolerância, o perdão, a contínua abertura à reconciliação, a solidariedade na ajuda mútua, a fidelidade às pessoas e ao projeto comum, o respeito pela vida e pela dignidade de cada elemento que integra a comunidade familiar, a intimidade construída na ternura e na doação, são alguns valores que se devem aprender no seio familiar, dado ser o espaço onde entramos em contato com a realidade e onde vamos descobrindo a nossa identidade, aprendendo a distinguir, a clarificar e a apreciar aquilo que nos rodeia. Servida por estes valores, a família desempenhará um papel preponderante na realização das pessoas que a integram e na humanização da sociedade<sup>85</sup>.

“O direito-dever educativo dos pais qualifica-se como *essencial*, ligado como está à transmissão da vida humana; como *original e primário*, em relação ao dever educativo dos

---

<sup>83</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gravissimum Educationis*, nº 3.

<sup>84</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, nº 239.

<sup>85</sup> Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Família, Esperança da Igreja e do Mundo*, nº 9.

demais, pela unicidade da relação de amor que subsiste entre pais e filhos; como *insubstituível* e *inalienável*, o qual portanto, não pode ser totalmente delegado ou usurpado por outros”<sup>86</sup>.

Os pais têm o direito-dever de oferecer uma educação religiosa e uma formação moral aos seus filhos. É um dever primário que a família não pode negligenciar nem delegar. O direito da família não pode ser cancelado pelo Estado, mas deve ser respeitado e promovido<sup>87</sup>. Os filhos devem crescer numa justa liberdade diante dos bens materiais, adotando um estilo de vida simples e austero, convencidos de que “o homem vale mais por aquilo que é do que por aquilo que tem”<sup>88</sup>.

Os pais são os primeiros, mas não os únicos educadores de seus filhos. Compete-lhes, pois, a eles exercer com sentido de responsabilidade a sua obra educativa em colaboração estreita e vigilante com os organismos civis e eclesiais:

“A dimensão comunitária, civil e eclesial do homem, exige e conduz a uma obra mais ampla e articulada, que seja o fruto da colaboração ordenada das diversas forças educativas. Estas forças são todas elas necessárias, mesmo que cada uma possa e deva intervir com a sua competência e o seu contributo próprio”<sup>89</sup>.

Os pais têm o direito de escolher os instrumentos formativos correspondentes às próprias convicções e de buscar os meios que possam ajudá-los da melhor maneira na sua tarefa de educadores, mesmo no âmbito espiritual e religioso. As autoridades públicas têm o dever de garantir tal direito e de assegurar as condições concretas que consentem o seu exercício<sup>90</sup>. Neste contexto, se coloca antes de mais o tema da colaboração entre a família e a instituição escolar.

---

<sup>86</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, n° 36.

<sup>87</sup> Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de doutrina social da igreja*, n° 239.

<sup>88</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n° 35.

<sup>89</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, n° 40.

<sup>90</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gravissimum Educationis*, n° 6.

A família é também o lugar privilegiado da educação dos afetos e da sexualidade, porque esta é uma riqueza de toda a pessoa, e manifesta o seu significado íntimo e pleno ao levar cada pessoa ao dom de si no amor. Neste sentido afirma o Papa João Paulo II:

“a educação sexual, direito e dever fundamental dos pais, deve realizar-se sempre sob a sua solícita orientação, quer em casa quer nos centros educativos escolhidos e controlados por eles. Neste sentido, a Igreja reafirma a lei da subsidiariedade, que a escola deve observar quando coopera na educação sexual, imbuindo-se do mesmo espírito que anima os pais”<sup>91</sup>.

O dever educativo deve conduzir os filhos a conhecer e a estimar as normas morais para um “crescimento pessoal responsável na sexualidade humana”<sup>92</sup>.

É fundamental afirmar que na educação dos filhos, o papel paterno e o materno são igualmente necessários<sup>93</sup>. Os pais devem, pois, agir conjuntamente. A autoridade deve ser por eles exercida com respeito e delicadeza, mas também com firmeza e vigor: deve ser credível, coerente, sábia e sempre orientada ao bem integral dos filhos.

A família é como que uma escola de valorização humana. Para que esteja em condições de alcançar a plenitude da sua vida e missão, exige, porém, a benévola comunhão de almas e o comum acordo dos esposos, e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos. A família - na qual se congregam as diferentes gerações que reciprocamente se ajudam a alcançar uma sabedoria mais plena e a conciliar os direitos pessoais com as outras exigências da vida social - constitui assim o fundamento da sociedade. E por esta razão, todos aqueles que têm alguma influência nas comunidades e grupos sociais, devem contribuir eficazmente para a promoção do matrimónio e da família<sup>94</sup>.

---

<sup>91</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, nº 37.

<sup>92</sup> *Ibidem*.

<sup>93</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 52.

<sup>94</sup> Cf. *Ibidem*.

## 5. A família e o despertar religioso dos filhos

O desenvolvimento da religiosidade começa quase sempre na família, porque ela é o espaço privilegiado da socialização primária.

“Os pais são modelos muito influentes para os seus filhos, apresentando-lhes, no contexto das interações quotidianas, as normas, regras, crenças e comportamentos de integração no grupo social de pertença. Este processo ocorre durante a infância e a adolescência e tem por base o mecanismo da aprendizagem social, a modelagem, que consiste na observação e imitação do comportamento de um modelo que o sujeito considera significativo. Quando o sujeito observa que o comportamento do modelo é recompensado pelo meio, é reforçado, aumentando a probabilidade de o sujeito o imitar. Esta missão é cumprida conforme os pais são modelos de um sentido de vida e levam os filhos a conhecer e a adorar Deus e a amar o próximo, de modo que na família se encontre a primeira experiência de uma sociedade sã e de Igreja. É com os pais que os filhos podem encontrar o mais formador testemunho entre o testemunho da fé e a doutrina da Igreja”<sup>95</sup>.

Podemos considerar que a família é o primeiro e principal espaço do despertar religioso das crianças. São os pais os primeiros responsáveis por suscitar e amadurecer a fé dos seus filhos. Os pais ministram instrução, de tipo religioso ou não, escolhendo os temas a abordar com os filhos. O Concílio Vaticano II afirma: “na família, como numa igreja doméstica, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé e favorecer a vocação própria de cada um, especialmente a vocação sagrada”<sup>96</sup>.

Segundo o *Catecismo da Igreja Católica*, os pais são os primeiros responsáveis da educação dos seus filhos e os primeiros anunciadores da fé. Têm o dever de amar e de respeitar os seus filhos como pessoas e como filhos de Deus. Especialmente, têm a missão de educá-los na fé cristã<sup>97</sup>. O Papa Paulo VI afirma:

“a família, como a Igreja, tem por dever ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e donde o Evangelho irradia. No seio de uma família que tem consciência desta missão, todos os membros da mesma família evangelizam e são evangelizados. Os pais, não somente comunicam aos filhos o Evangelho, mas podem receber deles o mesmo Evangelho

---

<sup>95</sup> C. S. CARVALHO, *A Família e o seu Insubstituível Papel Educativo*, p. 103.

<sup>96</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, n°11, Editorial A. O, Braga, 1987.

<sup>97</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n° 460.

profundamente vivido. E uma família assim torna-se evangelizadora de muitas outras famílias e do meio ambiente em que ela se insere”<sup>98</sup>.

O Papa João Paulo II declara dizendo que uma das áreas onde a família é indispensável, é certamente a da educação religiosa, graças à qual a família cresce como ‘igreja doméstica’<sup>99</sup>. Neste sentido o Papa João Paulo II continua afirmando:

“A educação religiosa e a catequese dos filhos colocam a família no complexo da Igreja como *verdadeiro sujeito de evangelização e de apostolado*. Trata-se de um direito intimamente conexo com o *princípio da liberdade religiosa*. As famílias e, mais em concreto, os pais têm a faculdade de livremente escolherem para os seus filhos determinado modelo de educação religiosa e moral segundo as próprias convicções. Mesmo quando confiam tais obrigações a instituições eclesiais ou a escolas geridas por pessoal religioso, é necessário que continue a sua presença educativa *constante e ativa*”<sup>100</sup>.

A família cristã tem o dever específico de educar os filhos para a oração, de os introduzir na descoberta progressiva do mistério de Deus e na conversa pessoal com Ele. É sobretudo na família cristã, ornada da graça e do dever do sacramento do matrimónio, que devem ser ensinados os filhos desde os primeiros anos, segundo a fé recebida no Batismo, a conhecer e a adorar Deus e amar o próximo. A educação para a oração é o exemplo concreto, o testemunho vivo da família. Rezando em conjunto com os filhos, o pai e a mãe, enquanto cumprem o próprio sacerdócio real, entram na profundidade do coração dos filhos, deixando marcas que os acontecimentos futuros da vida não conseguirão fazer desaparecer<sup>101</sup>.

A primeira catequese, a do despertar religioso da criança, pertence por direito próprio à família. Ninguém, nenhuma outra instituição ou pessoa, pode substituir ou colocar-se, com garantia, no lugar dos pais. É sobretudo, vendo um pai e uma mãe a rezar, que as crianças aprendem a rezar. Mas é também, percebendo que os pais aprofundam a sua fé, que os filhos

---

<sup>98</sup> PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 71, 6ª ed. Editorial A. O, Braga, 1983.

<sup>99</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Carta do Papa às Famílias*, n° 16.

<sup>100</sup> *Ibidem*, n° 16.

<sup>101</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, n° 60

compreendem a relevância da catequese<sup>102</sup>. A família, com efeito, é a instituição essencial e insubstituível:

“porque é muito difícil que outras pessoas, outras instituições, consigam produzir esse clima ou atmosfera viva onde implantar e desenvolver as experiências matrizes da vida humana, tanto as de sentido religioso, como são o acolhimento incondicional e o amor desinteressado, o respeito, a confiança, o perdão etc. E também, criar o clima e a atmosfera viva onde a realidade religiosa e o concreto da fé cristã, impregne e dê significado a todas as realidades da vida diária, seja eixo da vida. Só uma atmosfera assim, como a que se consegue na família, constitui o âmbito em que a configuração religiosa da criança alcança ser realidade; um âmbito em que, como por osmose, irá adquirindo as convicções cristãs e as atitudes de fé dos seus pais”<sup>103</sup>.

A família é a instituição básica e insubstituível porque ela é o lugar onde o ser humano dá os primeiros passos na vida, e está chamada a ser o lugar onde a criança inicia a dar os primeiros passos na fé. A família é um ambiente insubstituível no que se refere ao cuidado com a saúde, a higiene e alimentação, a estabilização emocional da criança e a sua abertura ao mundo<sup>104</sup>. Da mesma forma, no que afeta o religioso:

“a influência mais decisiva, profunda e duradora é aquela que a criança recebe na família. Dificilmente pode conseguir-se fora dela. Com efeito, a família, ao mesmo tempo que vai estabelecendo as bases da personalidade humana do novo ser, promove, como nenhuma outra instituição, a pessoa, a comunicação e intercâmbio espontâneo de experiências e atitudes religiosas”<sup>105</sup>.

Por isso podemos dizer que a família cristã constitui o ambiente privilegiado e primário onde a criança se abre à vida e à transcendência de Deus e aprende de modo natural a dirigir-se a Ele. Nela começa a conhecer Deus, Jesus, o Evangelho e o estilo de vida dos

---

<sup>102</sup> Cf. D. da CUNHA, *Família e Pastoral*, in CONSELHO PONIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, *Léxico da Família*, Princípio, Cascais, 2010, p. 405.

<sup>103</sup> M. DEL CAMPO GUILARTE, *A Família e o Despertar Religioso dos Filhos*, in *Pastoral Catequética*, 7 (2007), p. 43.

<sup>104</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>105</sup> *Ibidem*.



cristãos. O Papa Bento XVI afirma: “a linguagem da fé aprende-se nos lares onde esta fé cresce e se fortalece através da oração e da prática cristã”<sup>106</sup>.

Sem dúvida as realidades estruturantes dum cristão como experiências, atitudes e mensagens cristãs têm na família cristã, uma base primordial para a germinação da fé<sup>107</sup>. Na família cristã os acontecimentos da vida como o nascimento, a doença, o labor, as festas, os familiares e amigos cobram um valor e um sentido determinado. A família dá as ‘chaves’, o significado e o valor dos acontecimentos e das coisas. Deste modo, a criança vai adquirindo unitariamente o sentido transcendente e religioso, vai descobrindo a Deus, pouco a pouco, como Pai e amigo, e como centro de toda a existência no coração da vida<sup>108</sup>.

Os pais, de maneira espontânea e natural, através da vida diária, vão transmitindo atitudes, valores e crenças aos seus filhos. Estes captam-nos e aprendem de modo rápido, espontâneo e, quase mecanicamente, porque a carga afetiva da relação maternal e paternal atua como elemento determinante de assimilação. Por isso, podemos dizer que o testemunho de fé dos pais, muito especialmente da mãe, atinge a mente e o coração de seus filhos de modo eficaz e imprime neles um selo que não se apaga. Por causa da afetividade ficam profundamente gravados em seus filhos os valores, convicções e atitudes essenciais da religiosidade e da fé cristã. Nenhuma outra instituição ou dinamismo pedagógico pode substituir a família do seu papel fundamental.

Em concreto, ficam profundamente gravados, os sentimentos de admiração, respeito e amor a Deus e às figuras relacionadas com Deus, as atitudes e manifestações de piedade e de fé que se vivem na família (o espírito de fé que se respira nela), os juízes de valor e as diferenças morais entre o bem e o mal, que vão configurando pouco a pouco a formação da consciência, as convicções e fundamentos da fé cristã.

---

<sup>106</sup> BENTO XVI, *Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração*. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias, 8 de Julho de 2006, Consultado a 5 de Agosto de 2014.

<sup>107</sup> Cf. M. DEL CAMPO GUILARTE, *A família e o despertar religioso dos filhos*, p. 44.

<sup>108</sup> Cf. *Ibidem*.

Também é importante notar que a força do testemunho, no campo da transmissão da fé, não reside principalmente nas palavras, ações e gestos que realizamos, ainda que eles sejam fundamentais. E isto deve-se ao próprio acontecimento da fé.

“É que a experiência de fé é principalmente a experiência de um encontro pessoal com Jesus Cristo. Por isso ela não pode jamais ser realizada por procuração. Nenhum pai ou mãe pode substituir ninguém nesse âmbito. A sua missão é de facilitar esse encontro, abrir-lhe as portas, mostrar que é possível ser realizado, mas ele terá sempre que ser um encontro pessoal de cada um com Jesus Cristo”<sup>109</sup>.

No âmbito da transmissão da fé, o mais importante é testemunhar a presença de Jesus Cristo. Isto é, testemunhar a presença pessoal de Jesus Cristo na vida de cada um e na vida da família. Deste modo, as crianças podem ir entendendo melhor que a fé não consiste simplesmente na realização de determinados atos, nem na proclamação de determinadas palavras. A transmissão da fé e a sua aprendizagem, não fica reduzida a uma repetição e imitação de atos e palavras.

Quando o testemunho não fica centrado em nós, mas aponta para a presença de Outro na nossa vida, então é esse Outro que se vai tornando cada vez mais visível e interpelante. E se o nosso testemunho, assim entendido, ajuda as crianças a perceberem que a nossa felicidade reside nesse encontro, então elas podem sentir-se mais facilmente interpeladas a ousar fazer o mesmo caminho. Enfim podemos dizer que a transmissão da fé deve ser feita no âmbito da própria vida; ou seja, trata-se de testemunhar no exercício do próprio viver<sup>110</sup>.

O mais importante, nos primeiros anos de vida de uma criança na família, passa por experimentar que nesta relação de pais e filhos, de irmãos e de marido e mulher, a fé ocupa um lugar principal no exercício da própria existência. A fé dos membros da família é a base da fé dos filhos. Do ambiente cristão criado pela família depende o desenvolvimento do despertar religioso.

---

<sup>109</sup> J. F. AMBROSIO, *O Papel da Mãe e do Pai na Transmissão da fé*, in *Communio*, 26 (2009/4) p. 413.

<sup>110</sup> Cf. *Ibidem*, pp. 413-414.

## 6. A família e os idosos

A família é constituída pelos seus diversos membros como um todo. É com os seus membros que o ser humano cresce e aprende a ser. Os idosos são portadores de sabedoria, cultura e valores. Por isso, há culturas que manifestam veneração singular e grande amor pelas pessoas de idade. Em vez de excluir da família ou tratar como um peso inútil, o ancião é inserido na vida familiar tomando nela uma parte ativa, relevante e responsável<sup>111</sup>. Sem dúvida podemos afirmar que a experiência da vida dos idosos pode contribuir na humanização da nossa sociedade e da nossa cultura:

a) A gratuidade: a cultura dominante da nossa época mede o valor de nossas ações de acordo com critérios de eficiência e sucesso material. Muitas vezes ignora a dimensão da gratuidade, isto é, de dar algo, ou dar a nós mesmos, sem pensar em um retorno. As pessoas idosas, que têm muito tempo disponível, podem alertar a nossa sociedade super-ocupada com a necessidade de quebrar as barreiras de uma indiferença que despreza, desencoraja e reprime os impulsos altruístas<sup>112</sup>.

b) Memória: as gerações mais jovens estão perdendo o senso de história e, conseqüentemente, o sentido de sua própria identidade. Uma sociedade que minimiza o sentido da história foge da sua tarefa de formar os jovens. Uma sociedade que ignora o passado mais facilmente corre o risco de repetir os mesmos erros. A queda do sentido histórico também pode ser atribuída a um modo de vida que tem alienado e isolado idosos, colocando obstáculos ao diálogo entre as gerações<sup>113</sup>.

c) Experiência: hoje vivemos num mundo em que as respostas da ciência e da tecnologia parecem ter substituído o valor da experiência acumulada por pessoas idosas, no decurso de suas vidas inteiras. Este tipo de barreira cultural não deve desencorajar as pessoas

---

<sup>111</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, n° 27.

<sup>112</sup> Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA OS LEIGOS, *A Dignidade do Ancião e sua Missão na Igreja e no Mundo*. in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/laity/laity\\_en/archivio/rc\\_pc\\_laity\\_doc\\_05021999\\_older-people\\_en.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/laity_en/archivio/rc_pc_laity_doc_05021999_older-people_en.htm), Consultado a 15 de Setembro de 2014.

<sup>113</sup> Cf. *Ibidem*.

idosas, uma vez que eles ainda têm muito a dizer às novas gerações e para compartilhar com eles<sup>114</sup>.

d) Interdependência: ninguém pode viver sozinho. Mas o crescente individualismo e o egoísmo estão a obscurecer essa verdade. Os idosos, em sua busca de companhia, protestando contra uma sociedade em que os mais fracos são frequentemente abandonados a si mesmos, chamam a atenção para a natureza social do homem e para a necessidade de reparar o tecido das relações interpessoais e sociais<sup>115</sup>.

e) Uma visão mais completa da vida: a nossa vida é dominada pela pressa, pela agitação. É uma vida distraída, uma vida em que as questões fundamentais sobre a vocação, dignidade e destino do homem são esquecidos. A velhice é também a idade da simplicidade e da contemplação. Os valores afetivos, morais e religiosos, vividos por idosos são um recurso indispensável para promover a harmonia da sociedade, da família e do indivíduo. Estes valores incluem o sentido de responsabilidade, a fé em Deus, a amizade, o desinteresse do poder, a prudência, a paciência, a sabedoria e uma profunda convicção interior da necessidade de respeitar a criação e promover a paz. As pessoas idosas entendem muito bem a superioridade do ‘ser’ sobre o ‘ter’. As sociedades humanas seriam melhor se elas aprendessem a beneficiar dos carismas dos idosos<sup>116</sup>.

Numa sociedade em que ambos os pais trabalham, passando o dia fora de casa longe dos filhos, os avós têm um papel fundamental, uma vez que são eles que, em muitas famílias, ficam com os mais novos, acompanhando-os à escola, nas atividades diárias. São os avós que participam na vida diária dos seus netos, educando-os nos valores, mostrando-lhes o que está certo e o que está errado. O Papa João Paulo II afirma:

“É necessário que a ação pastoral da Igreja estimule todos a descobrir e a valorizar as tarefas dos anciãos na comunidade civil e eclesial, e, em particular, na família. Na realidade, ‘a vida dos anciãos ajuda-nos a esclarecer a escala dos valores humanos; mostra a continuidade das

---

<sup>114</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>115</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>116</sup> Cf. *Ibidem*.

gerações e demonstra maravilhosamente a interdependência do povo de Deus. Os anciãos têm além disso o carisma de encher os espaços vazios entre gerações, antes que se sublevem. Quantas crianças têm encontrado compreensão e amor nos olhos, nas palavras e nos carinhos dos anciãos! E quantas pessoas de idade têm subscrito com gosto as inspiradas palavras bíblicas que a ‘coroa dos anciãos são os filhos dos filhos’ (*Prov. 17, 6*)”<sup>117</sup>

Os anciãos, na sua imensa sabedoria e paciência, recebidas ao longo da sua vida, ajudam os mais novos a graduarem os seus valores, a pesar a consequência dos seus atos e a crescer como colaboradores da família humana. O Papa João Paulo II refere que o papel dos anciãos é fundamental. “Os anciãos ajudam a contemplar os acontecimentos terrenos com mais sabedoria, porque as vicissitudes os tornaram mais experimentados e amadurecidos”<sup>118</sup>.

Os idosos são guardiães da memória coletiva e, por isso, intérpretes privilegiados daquele conjunto de ideais e valores humanos que mantêm e guiam a convivência social. Excluí-los é como rejeitar o passado, onde penetram as raízes do presente, em nome de uma modernidade sem memória. Os anciãos, com a sua experiência amadurecida, são capazes de propor aos jovens conselhos e ensinamentos preciosos. É extremamente importante o exemplo, uma vez que os mais novos tendem a imitar em grande parte os mais velhos<sup>119</sup>.

A família cristã pode receber muito da serena presença dos que têm muitos anos de idade, especialmente na área da transmissão da fé. Muitas vezes os netos recebem dos avós os primeiros rudimentos da fé. Encontram compreensão e conforto em pessoas anciãs sós ou doentes, mas capazes de infundir coragem pelo conselho bondoso, a oração silenciosa, o testemunho do sofrimento acolhido com paciente abandono<sup>120</sup>.

Referindo-se aos avós, o Papa Bento XVI afirma:

“eles podem ser e muitas vezes são garantes do afeto e da ternura que todo o ser humano necessita de dar e receber. Eles dão às crianças a perspectiva do tempo, são memória e riqueza

---

<sup>117</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, n° 27.

<sup>118</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Anciãos*, 1° de Outubro de 1999, n° 10, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_01101999\\_elderly\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1999/documents/hf_jp-ii_let_01101999_elderly_po.html), Consultado a 22 de Agosto de 2014.

<sup>119</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>120</sup> Cf. *Ibidem*, n° 13.

das famílias. Deus queira que, por nenhuma razão, sejam excluídos do círculo familiar. São um tesouro que não podemos arrebatar às novas gerações, sobretudo quando dão testemunho da fé diante da proximidade da morte”<sup>121</sup>.

Nos tempos atuais, carregados de uma cultura materialista e utilitarista, o ser humano corre o risco de ser desprezado e desvalorizado. É importante que, perante as circunstâncias que cercam a humanidade, se defendam os direitos humanos, nomeadamente o direito dos idosos, protegendo-os dos crimes dos quais são vítimas. Tanto a família como a sociedade devem empenhar-se no sentido de promover a sua dignidade e o respeito que lhes é devido. As famílias cristãs têm o dever de dar o seu testemunho perante a sociedade em geral, cristã ou não. Pede-se um testemunho de comunhão, de respeito pelo próximo, promovendo a dignidade da família e a sua importância para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Na *Carta às Famílias*, o Papa João Paulo II, referindo o mandamento ‘Honra o teu pai e mãe’ (Deuterónimo, 5, 16), apresenta a força e a exigência do respeito pela dignidade humana. Nesta *Carta às Famílias*, o Papa, apresenta a palavra ‘honra’, como relacionada com justiça, que não pode ser plenamente expressa sem fazer um autêntico apelo ao amor. “Honra quer dizer: reconhece! Isto é, deixa-te guiar pelo convicto reconhecimento da pessoa, primeiro, tanto do pai como da mãe, e depois dos outros membros da família”<sup>122</sup>. Neste contexto, honra significa reconhecer a pessoa do outro, respeitá-la na sua dignidade, praticar a justiça e amá-la nas suas capacidades e limitações. A palavra honrar lembra a todos os homens a responsabilidade que estes devem aos mais velhos, devendo prestar-lhes ajuda material e moral, quando a sua idade avançada não lhes permita sobreviver sozinho.

É importante que os membros da família ajudem a combater a solidão, o abandono e o desânimo que se abate sobre os idosos, ajudando-os a viver plenamente, dando sentido a toda

---

<sup>121</sup> BENTO XVI, *Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração*. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias, 8 de Julho de 2006, Consultado a 5 de Agosto de 2014.

<sup>122</sup> JOÃO PAULO II, *Carta do Papa às Famílias*, nº 15.

a sua vida. Os idosos sentem-se, muitas vezes, abandonados, quando estão colocados em lares de terceira idade pelos seus familiares. Sentem-se abandonados, vendo-se num lugar desconhecido para eles. “Os aspetos de fragilidade humana, ligados de modo mais visível com a velhice, tornam-se uma chamada à interdependência e à necessária solidariedade que ligam entre si as gerações, visto que cada pessoa está necessitada da outra e se enriquece dos dons e dos carismas de todos”<sup>123</sup>.

As pessoas, na família, presenciam e experimentam uma verdadeira escola, em contato, observação, relacionamentos, diálogo, estímulo, acolhimento e, conseqüentemente, em amor. É através deste acolhimento, que os vários membros das famílias devem sentir-se partes ativas e amadas, imprescindíveis e singulares. Desta forma, é urgente que esta experiência de comunhão se promova, condenando a violência e o abandono dos idosos, chamando a atenção para a importância destes na construção de famílias mais fecundas e atentas, ajudando a abraçar a humanidade.

Os idosos são, na família, os alicerces da aprendizagem do ser. São um importante contributo para, diante das suas experiências e testemunhos, contribuírem para que os mais jovens tenham uma autêntica aprendizagem humanizadora. É essencial que a sociedade assuma o lugar do idoso, na transmissão dos valores da família, personalizando o seu papel, humanizando a sua imagem e a sua presença, permitindo-lhe amadurecer os mais novos como alicerces fundantes da humanidade.

O Papa João Paulo II afirma: “todos os membros da família, cada um segundo o dom que lhe é peculiar, possuem a graça e a responsabilidade de construir, dia após dia, a comunhão de pessoas, fazendo da família uma ‘escola de humanismo mais completo e mais rico’<sup>124</sup>. Esta humanidade acontece no cuidado e no amor para com os mais pequenos, os doentes e, especialmente, os idosos, partilhando as alegrias e os sofrimentos que se apresentam no quotidiano.

---

<sup>123</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Anciãos*, nº 10.

<sup>124</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, nº 21.

A família tem o papel de manter a imagem e a presença do idoso como parte integrante de si e da sociedade em geral. É urgente preservar os valores inerentes à família, abraçando todos os que dela tomam parte, mesmo os mais frágeis que, através dos seus testemunhos e experiências, adicionam o verdadeiro humanismo, na vivência familiar.

Ao terminarmos o segundo capítulo, podemos afirmar que abordámos e refletimos numerosos documentos do Magistério sobre a família. Sem dúvida para o Magistério eclesial o amor é o fundamento da família. Os pensamentos do Magistério oferecem valiosas contribuições na lecionação da UL 3, “A Família, Comunidade de Amor”. Procuramos propor no terceiro capítulo, uma nova proposta para a lecionação da UL 3 “A Família, Comunidade de Amor”.



## CAPÍTULO III

### NOVA PROPOSTA PARA A LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “A FAMÍLIA, COMUNIDADE DE AMOR”

A disciplina de Educação Moral Religiosa Católica tem como grande finalidade a formação global do aluno que permite o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa. Podemos dizer que a disciplina de EMRC privilegia a formação integral do aluno proporcionando, não só a aprendizagem de conhecimentos científicos, como também uma leitura da vida, da história e da cultura, a partir duma visão religiosa de cariz cristão e católico.

O desenvolvimento do ensino é orientado por metas curriculares nas quais são definidos, de forma consistente, os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, de modo a enfrentar as mais variadas situações da vida quotidiana, desde a resolução de problemas intelectuais e práticos, à tomada de decisões conscientes, à interpretação de situações da vida com vista a atingir os seus objetivos pessoais/sociais e profissionais, e para a sua progressão na construção de conhecimentos cada vez mais complexos.

A nova proposta para a leção da UL 3 “A Família, Comunidade de Amor” desenvolver-se-á a partir de dois domínios: Religião e experiência religiosa; Ética e moral. As metas específicas escolhidas para serem trabalhadas na referida unidade letiva serão as seguintes: **B.** Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; **O.** Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano; **R.** Identificar o fundamento religioso da moral cristã.

A nova proposta da leção da UL, incidirá em vários objetivos. Na primeira aula procurar-se-á conhecer o conceito de família e suas tipologias. De seguida, procuraremos identificar os valores e atitudes da família de Nazaré como um modelo significativo de vida familiar. Depois disto, abordaremos as diferentes funções da família. Seguidamente dar-se-á ênfase ao projeto que Deus tem para a família. Concluiremos a nossa UL, depois de abordarmos a promoção de valores do amor na vida familiar, valorizando e incentivando à participação de todos os membros na vida em família. Na nova proposta da leção da UL acrescentaremos alguns textos do Magistério com o objetivo de ajudar e elucidar os alunos sobre o parecer do Magistério da Igreja acerca das questões sobre a família.

A nova proposta da leção da UL 3 “A Família, Comunidade de Amor” terá 7 aulas, sendo uma delas uma conferência. Na última sessão os alunos e os seus familiares conhecerão vários textos do Magistério da Igreja sobre a Família. Ao longo da leção sugeriremos abordar vários conteúdos e utilizaremos estratégias diversificadas para alcançar os objetivos da unidade letiva. Na nova proposta de leção da UL 3, utilizarei os textos do Magistério e o manual de Educação Moral e Religiosa Católica do 6º ano, pelo facto de este ser um instrumento que oferece conteúdos abundantes acerca do tema. Farei opções rigorosas para alcançar os objetivos da aula.

Na nova proposta da leção das aulas procurarei envolver os alunos em todas as atividades pois considero que o aluno implicado, envolvido e interessado aprende com uma energia incomparável. Quero que os alunos sejam sujeitos ativos e participativos no processo de ensino-aprendizagem e não meros recetores dos conhecimentos transmitidos pelo professor. Por isso, procurarei tornar os saberes significativos e interessantes e mostrar-me-ei atento às dificuldades e progressos dos alunos, evidenciando, de uma forma contínua, a minha disponibilidade às suas solicitações. Do mesmo modo, incentivarei um clima de responsabilidade, respeito mútuo e entreajuda dentro e fora da sala de aula. Procurarei relacionar os conteúdos abordados na disciplina com situações do quotidiano dos alunos. A

nova proposta da lecionação da UL terá a seguinte forma de planificação e descrição das aulas.

## Planificação da Aula

Unidade letiva 3 – A Família, Comunidade De Amor

1ª Aula

Sumário: Introdução da Unidade letiva. Descoberta do conceito de “Família”. Tipos de organização familiar.

Metas:	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação formativa
<b>B.</b> Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	Conhecer o conceito da família e suas tipologias.	<p>Conceito de “Família”:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Etimologia da palavra família: A palavra “família” deriva de <i>famulus</i>, que significa “servidor”. Para o antigo povo romano, a família compreendia todos os indivíduos que viviam na mesma <i>casa</i>. Mais tarde se associou o critério dos <i>laços de sangue</i>.</li> <li>- Critérios tradicionais: de residência comum, parentesco (laços de consanguinidade) e laços de casamento.</li> <li>- Definição de família: Grupo de pessoas que vivem num determinado lugar, durante um período de tempo mais ou menos longo, e que estão unidos ou não por laços consanguíneos. Este grupo cresce no amor através dos afetos, da confiança e do respeito mútuo, criando relações estáveis.</li> <li>Tipologias de família: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Família nuclear.</li> <li>- Família alargada.</li> <li>- Família monoparental.</li> <li>- Família adotiva.</li> <li>- Família institucional.</li> </ul> </li> </ul>	ACOLHIMENTO. SUMÁRIO. APRESENTAÇÃO DA UL 3. CHUVA DE IDEIAS: Listagem no quadro dos elementos que constituem uma família. Exploração oral dos diferentes critérios de definição de família. Redação do conceito de família em conjunto com os alunos.	05	Quadro, Marcador ou giz	O Professor: - Vê se todos os alunos estão atentos.
				10	Quadro, Marcador ou giz	-Verifica se todos os alunos participam.
			APRESENTAÇÃO DE POWERPOINT: Exploração de definição.	10	Computador, Projetor, (Anexo 01)	- Observa se estão atentos e envolvem na exploração.
			APRESENTAÇÃO DE POWERPOINT: Visualização e exploração de imagens para identificar várias tipologias de família.	10	Computador, Projetor. PPT (Anexo 02)	- Vê se estão atentos
			FICHA DE TRABALHO: Resolução de uma ficha de trabalho individual e sua correção.	05	Ficha (Anexo 03)	- Verifica se realizam a tarefa.
			APRESENTAÇÃO DE TEXTO DE MAGISTÉRIO:	05	Ficha (Anexo 04)	- Verifica se perceberam o pensamento de Magistério.
<p>Síntese: Grupo de pessoas que vivem num determinado lugar, durante um período de tempo mais ou menos longo, e que estão unidos ou não por laços consanguíneos. Este grupo cresce no amor através dos afetos, da confiança e do respeito mútuo, criando relações estáveis.</p> <p>Existem diferentes tipos da família: família nuclear, alargada, monoparental, adotiva, institucional.</p>						

Depois do acolhimento e do registo do sumário, procederemos à apresentação da UL 3: “A família, Comunidade de Amor” que se desenrolará ao longo de seis aulas/sessões. Os alunos serão avisados de que a sétima sessão vai ser uma conferência numa tarde onde os pais e familiares /amigos podem participar. Depois desta breve introdução passaremos a refletir o tema da primeira aula.

Nesta primeira aula refletiremos o conceito de ‘família’ e as tipologias de família. O que é uma família? Para responder a esta questão, procederemos a uma chuva de ideias sobre os elementos que constituem uma família. Alguns alunos serão convidados a ir ao quadro colocar palavras relacionados com a família. Tais palavras poderão ser: pai, mãe, avós, tios, primos, irmãos, amor, carinho, casa, amizade, união, comunhão, solidariedade, ajuda, colaboração, diálogo, respeito, estima, consideração ....

A família é a instituição mais antiga e natural que podemos encontrar. Foi-se desenvolvendo, como tudo, e aperfeiçoando ao longo dos tempos, dando origem a povos, culturas e civilizações. Sabemos que muitas das nossas palavras portuguesas têm origem na língua latina. A palavra família é uma delas. Escreverei no quadro a palavra *famulus* = servidor. Os alunos serão convidados a ver como acontece a evolução do conceito ‘família’. Por isso abrirão o livro na página 106 (cfr, Manual do aluno, “Nós e Mundo” de Educação Moral Religiosa Católica do sexto ano de escolaridade, páginas 106-107). Convidarei um aluno para fazer a leitura.

Concluída a leitura faremos a interpretação em jeito de questões. O professor fará algumas perguntas como as que se seguem: Como era constituída a família no tempo dos romanos? Foi sempre assim? Podemos verificar que não. Na verdade a família foi evoluindo consoante as épocas, culturas e meio social, rural, ou urbano, de modo que houve a necessidade de encontrar critérios para a definir.

O professor continuará dizendo que tradicionalmente a família era definida pelos critérios de residência comum, parentesco (laços de consanguinidade) e casamento. (*estes*

*critérios serão apontados no caderno dos alunos*). No entanto, a residência comum não é suficiente para definir uma família porque, por vezes, uma habitação é partilhada por pessoas que não têm entre si laços de parentesco; o casamento é um dos critérios mais comuns para a definição de família. Contudo existem famílias que não optaram pelo casamento religioso ou civil, como é o caso das uniões de facto; finalmente, o parentesco fundado em laços de sangue é um critério importante para a definição de família. Mas não pode ser o único, uma vez que há crianças adotadas que fazem parte integrante da família, com plenos direitos ainda que não partilhem laços de sangue com os restantes membros.

Depois disto, os alunos apontarão uma definição de família (Anexo 1): “Grupo de pessoas que vivem num determinado lugar, durante um período de tempo mais ou menos longo, e que estão unidos ou não por laços consanguíneos. Este grupo cresce no amor através dos afetos, da confiança e do respeito mútuo, criando relações estáveis”. Os alunos passarão esta definição de família para o caderno diário.

Em Portugal, desde o início da nacionalidade, a constituição das famílias regulava-se pelos costumes, que foram evoluindo a partir das tradições romanas, germânicas e islâmicas. Havia assim uma grande diversidade de costumes e práticas. Isto fez com que a Igreja em Portugal elaborasse leis para regularizar a constituição das famílias<sup>125</sup>.

Na Idade Média, a família era constituída por núcleos familiares que tinham entre si laços de parentesco: avós, pais, netos, filhos, tios, primos, .... Os empregados da casa eram considerados elementos da família. A solidariedade era o valor mais importante. Ainda na Idade Média, a legislação já previa a proteção dos órfãos e das viúvas, bem como a adoção. O casamento era considerado um estado social formalizado por um acordo no qual era exigido o mútuo consentimento. A sociedade foi evoluindo e, conseqüentemente, surgiram mudanças

---

<sup>125</sup> Cf. J. A. P. PEREIRA (coord.), *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral e Religiosa Católica*, 6º ano, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2011, p.109.

nos valores sociais, familiares e nas práticas educativas. Isto levou a alterações nas estruturas familiares. Assim surgiram vários tipos de família<sup>126</sup>.

A estratégia seguinte passará pela visualização e exploração de algumas imagens alusivas às várias tipologias da família (Anexo 2): família nuclear – trata-se da família constituída pelo casal e os seus filhos biológicos; família alargada – a família constituída pelos pais, filhos, avós,... Família monoparental – trata-se da família constituída por um só dos progenitores, o pai ou a mãe e os filhos; família adotiva – a família que adota crianças; família institucional – trata-se de instituições que acolhem crianças em risco e/ou sem família (ex: aldeia de crianças SOS). O professor dirá que, independentemente das tipologias, o importante é que na família haja aquele ambiente de união, amor, diálogo, solidariedade, fraternidade, amizade, afeto,...

De seguida, os alunos farão a resolução de uma ficha de trabalho que consiste na elaboração da árvore genealógica da família de cada aluno (Anexo 3). Por fim, os alunos farão a correção da ficha.

A aula terminará com alguns pensamentos do magistério (Anexo 4) como os que se seguem: A família é o lugar privilegiado de experimentar o amor tão íntimo do coração humano. Segundo o Papa Bento XVI, a família é o ambiente privilegiado onde cada pessoa aprende a dar e receber amor<sup>127</sup>. É o espaço vital do desenvolvimento integral da pessoa humana. É porque quando o ser humano chega a este mundo, é a família que o acolhe e é nela que ele aprende a dar os primeiros passos; é na família que ele encontra as primeiras relações que o vão ajudar a desenvolver todas as suas potencialidades pessoais e sociais; é na família que ele toma consciência da sua dignidade e que aprende os valores; é na família que ele se descobre como ser chamado à comunhão e ao amor.

---

<sup>126</sup> Cf. *Ibidem*, p. 110.

<sup>127</sup> Cf. BENTO XVI, *Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração*. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias, 8 de Julho de 2006, Consultado a 5 de Agosto de 2014.

## Planificação da Aula

Unidade letiva 3 – A Família, Comunidade De Amor

2ª Aula

Sumário: A Família de Nazaré: modelo de fidelidade em Deus e testemunho de relação de amor entre os seus membros.

Metas:	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	🕒	Recursos	Avaliação formativa
<b>R.</b> Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	Identificar os valores e atitudes da família de Nazaré como modelo de vida familiar.	A descoberta do país onde Jesus nasceu e das suas principais regiões e cidades: - Palestina - Galileia, - Samaria, - Judeia, - Belém, - Nazaré, - Jerusalém.  - A vida familiar no tempo de Jesus o papel do homem, mulher e filhos.  - Valores da família de Nazaré: - Obediência - Sabedoria - Trabalho - Oração - Amor	ACOLHIMENTO. RECAPITULAÇÃO DA AULA ANTERIOR. SUMÁRIO.	05	Quadro, Marcador ou giz	O professor: - Vê a participação dos alunos no diálogo.
			MOSTRA DA IMAGEM DA SAGRADA FAMÍLIA: Colocar uma Sagrada Família num local visível a todos. Explorar o porquê da Sagrada Família na nossa aula. Costumes e tradições à volta da Sagrada Família.	05	(Anexo 05)	- Observa a curiosidade dos alunos durante a exploração da Sagrada Família.
			APRESENTAÇÃO DO MAPA DA PALESTINA: Exploração do mapa da Palestina com identificação das várias regiões e das cidades onde Jesus nasceu, viveu e foi crucificado.	10	(Anexo 06)	- Observa o interesse dos alunos perante a apresentação do mapa.
			APRESENTAÇÃO DE DIFERENTES FUNÇÕES DA FAMÍLIA: Apresentação de diferentes funções dos membros da família judaica pelo professor e a construção de um painel pelos alunos no quadro.	10	Quadro (Anexo 07)	- Vê se os alunos participam na exploração.
			LEITURA DE TEXTO / FICHA DE TRABALHO: Lc 2, 41-48.51-52. Leitura do texto e resolução de uma ficha de trabalho individual.	10	Ficha de trabalho (Anexo 08)	- Vê se os alunos participam na tarefa e compreendem o texto.
			CAÇA-PALAVRAS: Identificação dos valores da família de Nazaré através de resolução e correção de uma caça-palavras.	05	Ficha de trabalho (Anexo 09)	- Observa o empenho na realização da tarefa e na descoberta de palavras.
Síntese: A família de Nazaré situava em Palestina e, é modelo de fidelidade em Deus e testemunho de relação de amor entre os seus membros. A Família de Nazaré vivia os valores de amor, respeito, obediência, trabalho, silêncio, oração, partilha etc.						



Iniciaremos a aula fazendo o acolhimento dos alunos e dizendo que esta será a nossa segunda aula. Um aluno escreverá o sumário no quadro. Lembraremos que quando falamos de família não estamos a fazer referências às nossas famílias. Diremos que na aula anterior, iniciávamos o tema procurando uma definição de família compreensível a todos e refletíamos sobre os vários tipos de família. O professor perguntará aos alunos se se recordam dos vários tipos da família abordados na aula anterior.

Abriremos o diálogo e os alunos dirão um de cada vez e, se necessário, serão corrigidos naquilo que disserem. Avançaremos o diálogo lembrando que na última aula foi feita a elaboração da árvore genealógica. Os alunos concordarão e concluir-se-á dizendo que, afinal, temos boa memória.

Começaremos o tema da aula recordando que o nome da nossa disciplina é Educação Moral e Religiosa Católica. Sim “católica” porque o específico desta nossa disciplina é a sua referência ao cristianismo, ao catolicismo. Digo isto porque hoje vamos falar da família de Nazaré, a família onde Jesus nasceu e cresceu.

Será mostrado aos alunos uma imagem da Sagrada Família (Anexo 05), que será colocada em cima da mesa do professor e em local visível a todos. A Sagrada Família tem três pessoas – Maria, Menino Jesus e José. Existem tradições onde a imagem da Sagrada Família passa de casa em casa. São as pessoas que a vão transpondo de umas para as outras. Isto porque a Família de Nazaré é exemplo de virtudes para todas as pessoas e famílias. Hoje iremos conhecer melhor a Família de Nazaré.

Observando a imagem da Sagrada Família, podemos facilmente dizer que esta família consiste em Maria, José e Jesus. Na verdade na UL sobre o Advento e o Natal já tivemos oportunidade de nos referirmos a esta família, quando se falou sobre o nascimento do menino Jesus. José pertencia à casa de David e exercia a profissão de carpinteiro. Ele era um homem bom e responsável e vivia de acordo com os preceitos religiosos do seu povo.

Jesus nasceu e cresceu no seio desta família que vivia em Nazaré da Galileia. A família de Jesus era uma família simples, que educou Jesus com todo o carinho e afeto, segundo os preceitos religiosos e culturais daquela época.

A Família de Nazaré vivia na Palestina. Mostrará o mapa da Palestina (Anexo 06). A Palestina está dividida em três regiões: Galileia, Samaria e Judeia. Na Galileia encontramos Nazaré (situar no mapa). Foi aqui onde Jesus cresceu e viveu, como já dissemos, com a sua família, durante a infância e parte de juventude. A Samaria situa-se entre a Galileia e a Judeia. O povo Judeu não gostava do povo da Samaria, porque não os considerava da sua raça, judaica. Na região chamada Judeia, encontramos duas cidades importantes: Belém, onde Jesus nasceu, e Jerusalém, onde Jesus morreu. Ao terminar esta apresentação, os alunos concretizarão uma ficha de trabalho (distribuir Anexo 06). Nesta ficha os alunos preencherão o País onde Jesus nasceu, nome das regiões e das cidades. Depois de preencher e corrigir, os alunos fixarão a ficha nos seus respetivos cadernos.

Como era a vida familiar no tempo de Jesus? Naquele tempo o homem era o chefe de família, o responsável religioso e legal da casa. Era seu dever manter a segurança e zelar pelo bem-estar de todos. Tinha a responsabilidade de trabalhar para alimentar, proteger e garantir um abrigo à mulher e aos filhos.

À mulher competia realizar os trabalhos domésticos: confeccionava o pão, preparava as refeições, moía a farinha, produzia o queijo, fiava linho e tratava dos animais, que lhes garantiam a carne, o leite e a lã.

Os filhos de tenra idade ficavam em casa com as mães. Conheciam desde cedo os seus deveres para com os pais e era com estes que normalmente aprendiam os ofícios de família.

Ao terminar a apresentação das diferentes funções dos membros da família, os alunos construirão um painel (Anexo 07) no quadro onde sobressairão as principais funções dos membros da família judaica no tempo de Jesus.

A família de Jesus cumpria os preceitos religiosos do seu povo. Por isso, deslocavam-se todos os anos a Jerusalém para participarem nas festividades da Páscoa. Numa destas viagens aconteceu um incidente muito interessante. Este incidente encontra-se no Evangelho de São Lucas capítulo 2, 41-52. Um aluno fará a leitura do texto do Evangelho (Anexo 08) à turma. Depois da leitura os alunos farão a resolução e correção de uma ficha de trabalho individual (distribuir Anexo 08) com ajuda do professor.

Em forma de síntese, o professor fará o seguinte comentário: A família de Nazaré foi uma comunidade de amor e viveu uma vida simples. Criou sempre uma atmosfera de amor para com os parentes e os amigos. Cultivou os valores do respeito, obediência, ajuda, diálogo, trabalho, a partilha de tarefas, o silêncio, a oração e o serviço humilde, solidariedade.... Estes valores ofereceram a Jesus vivências únicas que o ajudaram a crescer e a orientar a sua vida. É assim que devemos também fazer na nossa família, contribuindo para o bem-estar e o bem comum de todos os seus membros.

A aula terminará com a identificação dos valores da família de Nazaré através da resolução e correção de uma caça-palavras (Anexo 09).

## Planificação da Aula

Unidade letiva 3 – A Família, Comunidade De Amor

3ª Aula

Sumário: As diferentes funções da família.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	🕒	Recursos	Avaliação formativa
<b>R.</b> Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	Reconhecer as diferentes funções da família.	Funções da família: -humanizadora -socializadora -educativa -afetiva -proteção -interajuda -amar	ACOLHIMENTO. SUMÁRIO. RECAPITULAÇÃO DA AULA ANTERIOR: Realização dum resumo da aula anterior sobre a Família de Nazaré e os valores por ela vividos.	05	Quadro, Marcador ou giz.	O professor: - Verifica a participação dos alunos e a aprendizagem dos conhecimentos prévios sobre o tema.
			LEITURA DO TEXTO: Um aluno fará a leitura do texto. A seguir, a exploração pelos alunos e, por fim, um comentário pelo Professor.	10	Manual do aluno, “Nós e Mundo” p.122.	- Observa a capacidade e o empenho na exploração do texto.
			TRABALHO INDIVIDUAL: O Professor entrega a cada aluno o texto. Leitura do texto pelos alunos sublinhando palavras importantes. Os alunos e o professor farão uma exploração oral das palavras sublinhadas e os conteúdos do texto.	10	Texto (Anexo 10)	- Verifica pelo diálogo, se compreenderam o texto e se conseguiram interiorizar os conteúdos referidos.
			APRESENTAÇÃO DO PENSAMENTO DO MAGISTÉRIO:	05	<i>Gaudium et Spes</i> , nº 61	Verifica se compreenderam o pensamento do Magistério.
			ORDENAÇÃO DE LABIRINTO: Os alunos procuram o caminho que conduz à confiança desde o espaço familiar até à inserção na sociedade.	05	Labirinto (Anexo 11)	- Acompanha o trabalho de cada aluno suprimindo eventuais dificuldades.
			FICHA DE TRABALHO: Os alunos assinalarão com <b>V</b> (verdadeiro) ou <b>F</b> (falso) as afirmações.	05	Ficha de trabalho (Anexo 12)	- Verifica a compreensão dos alunos.
			FICHA DE TRABALHO: Realização da ficha de trabalho e sua correção.	05	Ficha de trabalho (Anexo 13)	- Observa a motivação dos alunos revelada durante a atividade.
Síntese: A família desempenha várias funções como a humanização, socialização, educação, proteção, interajuda etc.						

A terceira aula da UL iniciar-se-á com o acolhimento, seguido da transcrição do sumário por um aluno no quadro. ‘As diferentes funções da família’, ao que após, será feita uma breve recapitulação da aula anterior, que poderá ser orientada da seguinte forma: De quem é que vocês falaram na semana passada? Os alunos responderão certamente Jesus ou a família de Jesus e, se necessário, serão corrigidos naquilo que disserem. Com a participação dos alunos apontaremos no quadro os valores da família de Nazaré, tais como: amizade, carinho, afeto, amor, confiança, respeito, proteção, responsabilidade, solidariedade, entre outros.

No seguimento da aula e como introdução aos conteúdos, diremos que todos os valores da família de Nazaré são importantes e devemos aprendê-los na família. Não é na escola que os vamos aprender. Não há dúvida que na escola encontramos o respeito, a proteção, a confiança, a solidariedade, responsabilidade. Além disso na escola fazemos amizade, criamos afetos e carinho por outras pessoas. Mas é importante notar que tudo isto tem os seus inícios na família. Isto é a função humanizante da família: transmitir os valores essenciais para a vida.

Será dito que nessa aula irão conhecer uma outra família que viveu em pleno esta função humanizante. Por isso os alunos abrirão o Manual do aluno, “Nós e Mundo” página 122. Um aluno fará a leitura do texto e os outros seguirão o mesmo. Seguir-se-á a exploração e o comentário do mesmo. O texto fala-nos de uma família fundada no amor; que educou as filhas com os princípios do Evangelho e, por isso, nelas encontramos as virtudes humanas e cristãs. Teresa do Menino Jesus é a mais famosa e mais conhecida das cinco irmãs. Ela seguiu a vida religiosa e era uma adolescente simples, obediente e humilde. Ela dizia que a verdadeira experiência que fazemos é aquela que nos ajuda a corrigir os nossos defeitos e imperfeições. Só somos capazes de mudar o que está menos bem na nossa vida, quando tomarmos consciência das nossas fraquezas. Ela recebeu valores humanos importantes na

família. Pela vida de Santa Teresa do Menino Jesus, ficamos a saber que a função humana da família é a de transmitir e educar nos valores.

A seguir o Professor entregará um texto (cfr. Manual do aluno, “Nós e Mundo” p. 123 [Anexo 10]) a cada aluno e os alunos farão a leitura do texto sublinhando palavras que considerem mais importantes. Os alunos e o professor farão uma exploração oral das palavras sublinhadas e os conteúdos do texto.

No final da exploração o professor fará o seguinte comentário: a família é o lugar adequado à transmissão da vida; dela recebemos os primeiros afetos e despertamos para o amor; nela aprendemos a relação com os outros. A família promove a confiança, respeito, responsabilidade e liberdade reconhecendo sempre a autoridade moderada dos adultos.

O professor continuará o seu comentário: o amor vivido na família vai criando laços de comunhão. Deve ser desinteressado, porque procura sempre o bem do outro. Para os casais cristãos, esse amor realiza-se pelo sacramento do matrimónio. É na família que se faz a experiência de acolhimento, aceitação da diferença, reconciliação, tolerância e responsabilidade. Assim se criam condições de bem estar para todos os membros da família. Neste sentido a Igreja disse (Concílio Vaticano II): “a família é, prioritariamente, como que a mãe e a fonte da educação: nela, os filhos, rodeados de amor, aprendem mais facilmente a reta ordem das coisas”<sup>128</sup>. O professor concluirá o seu comentário com a seguinte frase: a família é a nossa primeira escola onde aprendemos o essencial para a vida.

O passo seguinte passará pela elaboração de um labirinto (cfr. Manual do aluno, “Nós e Mundo” p. 266 [Anexo 11]) onde os alunos procurarão o caminho que conduz desde o espaço familiar até à inserção na sociedade. Seguidamente os alunos farão a correção do trabalho e realizarão um outro trabalho de assinalar com verdadeiro ou falso (Anexo 12).

---

<sup>128</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 61.

A aula terminará com o preenchimento de vários círculos que significam os grupos com quem as crianças vão estabelecendo relações ao longo do seu processo de desenvolvimento (Anexo 13).

## Planificação da Aula

Unidade letiva 3 – A Família, Comunidade De Amor

4ª Aula

Sumário: Projeto de Deus para a família é a comunhão de pessoas no amor.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação formativa
<b>R.</b> Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	Identificar o projeto de Deus para a família.	O projeto de Deus para a família na mensagem Bíblica: - Viver os valores da verdade, da bondade, do perdão, amor.	ACOLHIMENTO. SUMÁRIO. RECAPITULAÇÃO DA AULA ANTERIOR: Realização do resumo da aula anterior sobre as diferentes funções da família.	05	Quadro, Marcador ou giz.	O professor: - Verifica a atenção demonstrada na redação do sumário. - Vê o interesse pelo tema
		Cada elemento da família é sujeito ativo e participante na formação dos outros e de si próprio.	VISIONAMENTO DE UM FILME: Visionamento de um filme sobre ser verdadeiro.	05	Computador, projetor. Filme (Anexo 14)	- Observa a motivação dos alunos durante o visionamento de filme.
		Relação vivida através do acolhimento do encontro com os outros, da	FICHA DE TRABALHO: Realização da ficha de trabalho e a sua correção.	05	Ficha de trabalho (Anexo 15)	- Verifica se os alunos compreenderam o filme.
	Promover os valores do amor na vida familiar.	gratidão, do diálogo, do amor, da disponibilidade desinteressada, do serviço	LEITURA DO TEXTO BÍBLICO: Os alunos seguirão o texto bíblico (Ef 4. 25.29.31-32).	05	Texto Bíblico (Anexo 16)	- Observa se os alunos perceberam a texto bíblico.
		generoso e da solidariedade.	LEITURA INDIVIDUAL DE TEXTO: (Manual do aluno, “Nós e Mundo” p. 129). Ao lerem os alunos sublinham as palavras mais importantes. A seguir os alunos e o professor farão uma exploração oral das palavras sublinhadas e os conteúdos do texto.	15	Texto (Anexo 17)	- Ajuda a sublinhar as palavras mais importantes. - Verifica pelo diálogo, se compreenderam o texto e se conseguiram interiorizar os conteúdos.
			SOPA DE LETRAS: Descobrir atitudes e valores positivos na sopa de letras.	10	Ficha de trabalho (Anexo 18)	- Circulando pela sala, suprime as eventuais dificuldades que possam surgir.

Síntese: O projeto de Deus para a família é viver os valores do acolhimento, da gratidão, do diálogo, da disponibilidade desinteressada, do serviço generoso, da solidariedade, da verdade, da bondade, do perdão, do amor e o desaparecimento de toda a espécie de maldade.



Esta será a quarta aula da UL. Depois do acolhimento, um aluno escreverá o sumário no quadro. O professor lembrará que na aula anterior foram abordadas as funções da família e questionará os alunos se estes se lembram das várias funções da família. Abrir-se-á o diálogo e os alunos serão convidados a dizer um de cada vez e, se necessário, serão corrigidos naquilo que disserem. À medida que os alunos forem participando, iremos escrevendo no quadro. Depois da recapitulação iniciaremos o tema da aula.

Os alunos visionarão um filme sobre ser verdadeiro (Anexo 14). Neste filme um aluno chamado António tem negativa numa disciplina e ele próprio assina a ficha de avaliação sem mostrar a sua mãe. Ele mente à sua professora dizendo que a assinatura é da sua mãe e que lhe tinha mostrado a ficha de avaliação. A não entrega da ficha poderia ser por causa de medo e da falta de comunicação, confiança com os seus membros da família. A mentira do António dificulta a sua própria vida. Sofre imenso e finalmente chega a um ponto onde ele diz a verdade à sua professora. Depois de dizer a verdade, o António sente-se tranquilo. Transmite tudo aquilo que se passou aos seus pais e, de imediato, sente o amor e a perdão dos pais.

Seguidamente o professor fará algumas interrogações no sentido de captar se os alunos compreenderam o filme. As perguntas poderão ser as seguintes: Porque é que o António mentiu à professora? A mentira de António dificultou a sua relação com a professora? Se dificultou, em quê? Porque é que o António começou a chorar um dia na escola? Ao dizer a verdade o António ficou mais tranquilo?

Posteriormente realizar-se-á um trabalho de assinalar com verdadeiro ou falso (Anexo 15). A correção da ficha será feita na sala da aula.

A seguir o professor entregará o texto bíblico (Ef 4. 25.29.31-32) aos alunos (Anexo 16). Um aluno fará a leitura do texto. No final o professor fará o seguinte comentário: Não devemos mentir e nenhuma palavra inadequada deve sair da nossa boca; as nossas palavras devem ser úteis e edificantes. O professor apontará no quadro algumas palavras impróprias com a ajuda dos alunos. Terminará este ponto dizendo que devemos perdoar uns aos outros.

A seguir os alunos farão uma leitura individual dum texto (Anexo 17). O professor entregará uma ficha de texto a cada aluno (este texto é baseado no Manual do aluno, “Nós e Mundo” página 129) que o lerão e sublinharão as palavras ou as ideias mais importantes.

Depois os alunos e o professor farão uma exploração oral das palavras sublinhadas e os conteúdos do texto. Ao longo da exploração o professor salientará os seguintes pontos: A família é uma comunidade que tem por base a vivência do amor e o estabelecimento de laços de comunhão entre as pessoas. O amor autêntico é desinteressado, deseja o bem do outro e procura a sua realização plena. O amor cresce, se for devidamente cuidado. Os fracassos, as divergências e o sofrimento que naturalmente surgem são mais facilmente ultrapassados se forem vividos em conjunto com a pessoa que se ama.

Os casais cristãos realizam este amor no sacramento do matrimónio. Através do casamento, o homem e a mulher formam uma família. De acordo com o pensamento do Magistério, “o próprio Deus é o autor do matrimónio”<sup>129</sup>.

Segundo o livro do Génesis, Deus criou o homem e a mulher iguais nos seus direitos e na sua dignidade. Criou-os de forma a relacionarem-se harmoniosamente e a completarem-se um ao outro.

Unido pelo sacramento do matrimónio, o casal forma uma comunidade nova, onde vive em comunhão, no amor que os une. Os filhos partilham do amor e dos valores que os pais transmitem e a família transforma-se na primeira escola de vida.

Os pais amam os filhos de forma desinteressada e dedicam-se a cada um como se fosse único.

Na família, vive-se a experiência do acolhimento dos outros tal como eles são. Aprende-se a amá-los e a respeitá-los na sua diferença, uma vez que as diferenças nos enriquecem, mesmo quando é difícil lidar com elas.

---

<sup>129</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, nº 48.

Depois de exploração, os alunos descobrirão atitudes e valores positivos da vida familiar na sopa de letras (Anexo 18). Ao longo desta atividade o professor circulará pela sala e, suprimirá as eventuais dificuldades que possam surgir.

## Planificação da Aula

Unidade letiva 3 – A Família, Comunidade De Amor

5ª Aula

Sumário: Promoção de valores de amor e perdão na relação entre os pais e filhos na vida familiar.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação formativa
<b>O.</b> Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	Promover os valores do amor na vida familiar.	Promoção de valores na vida familiar: - Amor - Perdão - Carinho - Compreensão - Solidariedade - Acolhimento - Gratidão - Diálogo - Ajuda	ACOLHIMENTO. SUMÁRIO. RECAPITULAÇÃO DA AULA ANTERIOR: Os alunos farão uma exploração oral dos valores familiares apreendidos e o professor irá transcrevê-los no quadro.	05	Quadro, Marcador ou giz.	O professor: - Vê se todos os alunos compreenderam os conteúdos lecionados na aula anterior relativamente ao projeto de Deus para a família.
			LEITURA DO TEXTO: O Professor fará a leitura do texto ‘A caixinha dourada’.	10	Texto (Anexo 19)	- Vê o interesse e o empenho de alunos durante a leitura.
			REALIZAÇÃO DE UM QUESTIONÁRIO: Os alunos farão a realização de um questionário sobre o texto ‘A caixinha dourada’ e a correção oral do respetivo questionário	10	Texto (Anexo 20)	- Motiva os alunos e vê se estes compreenderam o texto.
			LEITURA DO TEXTO BÍBLICO (Ef 6, 1-4): Os alunos seguirão o texto bíblico através de PPT.	05	Texto Bíblico (Anexo 21)	- Vê o empenho dos alunos durante a leitura do texto bíblico.
			FICHA: Os alunos apontam na ficha os verbos que exprimem atitudes que os pais devem ter para com os filhos e que os filhos devem ter para com os pais e a sua correção.	05	Ficha (Anexo 22)	- Apoia na realização da ficha de trabalho e, vê a atenção e concentração na realização da ficha.
			PREENCHIMENTO DE CRUCIGRAMA: Preenchimento de um crucigrama e a sua correção.	10	Crucigrama (Anexo 23)	- Ajuda na concretização do crucigrama e na sua correção.
Síntese: Os principais valores da família são o amor, o perdão, o carinho, a compreensão, a solidariedade, o acolhimento, a gratidão, o diálogo, a ajuda.....						

Começaremos a aula escrevendo o sumário e lembrando aos alunos que, quando falamos da família, não estamos a fazer referência à nossa família. Prosseguiremos recapitulando a aula anterior sobre o “O projeto de Deus para a família”. Os alunos farão uma exploração oral dos valores familiares apreendidos e o professor irá transcrevê-los no quadro. Depois da recapitulação iniciaremos o tema da aula: “Promoção de valores de amor e perdão na relação entre os pais e filhos na vida familiar”.

Proceder-se-á à leitura de um texto chamado ‘A Caixinha Dourada’ pelo professor (Anexo 19). Depois da mesma, o professor fará o resumo da história do seguinte modo: De uma forma simples, mas sensível, cada um de nós tem recebido uma caixinha dourada, cheia de amor incondicional e beijos dos nossos pais, filhos, irmãos e amigos.....Ninguém tem uma propriedade ou posse mais bonita que esta.

A seguir os alunos farão a realização de um questionário sobre o texto ‘A caixinha dourada’ (Anexo 20). O questionário poderá ter as seguintes perguntas: Porque é que o pai ficou zangado com a sua filha por ter embrulhado uma caixinha com papel dourado? Para quem era o presente? Qual a reação do pai ao ver a caixinha vazia? O que é que tinha esta caixinha de especial? Como é que reagiu o pai depois de ter descoberto o que tinha esta caixinha? Qual é a mensagem que nos quer transmitir o texto? De seguida os alunos farão a correção oral do questionário com a ajuda de professor.

Terminada esta tarefa, o professor apresentará um texto bíblico (Ef 6, 1-4 [texto adaptado]) e um aluno fará a leitura do mesmo (Anexo 21).

Abordando o texto bíblico o professor dirá o seguinte: São Paulo encoraja os filhos e os pais a assumirem atitudes de respeito uns para com os outros. De seguida, o professor entregará uma ficha (Anexo 22) e pedirá aos alunos para fazerem o levantamento dos verbos que exprimem atitudes que os pais devem ter para com os filhos e que os filhos devem ter para com os pais.

Os alunos apontarão na ficha os respectivos verbos. No que concerne às atitudes que os pais devem ter para com os filhos, deverão apontar os verbos educar, não irritar e relativamente às atitudes que os filhos devem ter para com os pais deverão mencionar obedecer, respeitar. Terminada a tarefa os alunos farão a correção da ficha com a ajuda do professor.

A aula terminará com o preenchimento de um crucigrama (Anexo 23). Ao longo desta atividade o professor circulará pela sala e, suprimirá as eventuais dificuldades que possam surgir. Ao concluir o preenchimento do crucigrama, os alunos realizarão a correção do mesmo.

Por fim, o professor terminará com o seguinte comentário: Os principais valores da família são o amor, o perdão, o carinho, a compreensão, a solidariedade, o acolhimento, a gratidão, o diálogo, a ajuda.....

## Planificação da Aula

Unidade letiva 3 – A Família, Comunidade De Amor

6ª Aula

Sumário: Tarefas familiares; participação e corresponsabilidade na vida em família; O lugar dos mais velhos no ambiente familiar.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	🕒	Recursos	Avaliação formativa
O. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	Valorizar a participação de todos na vida em família.	Tarefas familiares; participação e corresponsabilidade na vida em família. O lugar dos mais velhos no ambiente familiar.	ACOLHIMENTO. SUMÁRIO. RECAPITULAÇÃO DA AULA ANTERIOR: Os alunos farão uma exploração oral dos conteúdos apreendidos na aula anterior. O professor irá transcrevê-los no quadro.	05	Quadro, Marcador ou giz.	O professor: - Vê se todos os alunos perceberam os conteúdos lecionados na aula anterior relativamente à promoção de valores como amor e perdão na vida familiar.
			LEITURA DE UM TEXTO (Manual do aluno, “Nós e Mundo” p. 132): O professor fará uma leitura do texto e fará a exposição de conteúdo.	05	(Anexo 24)	- Observa o interesse que os alunos revelam durante a exposição e vê se estão atentos.
			ENCENAÇÃO DAS TAREFAS FAMILIARES: Os alunos fazem uma representação da vida diária duma família.	15	Talheres, jornais, gravata, avental, óculos, pratos, livros, etc.	- Verifica se todos os alunos participam na encenação.
			SÍNTESE DAS DIFERENTES FUNÇÕES FAMILIARES: O professor escreve no quadro uma lista das funções de cada membro da família.	05	Quadro	- Vê se todos os alunos copiam diferentes funções de cada membro da família no caderno diário.
			LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO: (Manual do aluno, “Nós e Mundo” p. 133-134).	05	(Anexo 25)	- Verifica se os alunos perceberam o texto.
			PENSAMENTO DO MAGISTÉRIO	05	Carta aos Anciãos, nº 10	- Vê se todos os alunos perceberam o pensamento de Magistério.
			FICHA DE TRABALHO: Resolução de exercício.	05	(Anexo 26)	- Ajuda a suprimir eventuais dificuldades.
<p>Síntese: Todos os membros da família devem colaborar nas tarefas familiares como lavar a louça, cuidar da roupa, limpar a casa, arrumar os quartos, tratar das plantas ou do jardim....</p> <p>Os mais velhos têm um valor inestimável na família.</p>						

Depois de um breve acolhimento, esta sexta aula iniciar-se-á com a transcrição do sumário no quadro por um aluno. O sumário previsto para esta aula será o seguinte: “Tarefas familiares; participação e corresponsabilidade na vida em família; O lugar dos mais velhos no ambiente familiar”.

De seguida será estabelecido um diálogo interativo com os alunos, com o objetivo de verificar se os conteúdos lecionados na aula anterior foram apreendidos. Num momento seguinte, o professor fará uma leitura de um texto (Manual do aluno, “Nós e Mundo” p. 132 [Anexo 24]) e explicará o seu conteúdo.

A exposição do conteúdo poderá conter os seguintes pontos: a organização da vida diária da família implica inúmeras tarefas e responsabilidades; a realização das tarefas domésticas é muito morosa e complexa e depende da cooperação e participação de todos os elementos do agregado familiar; a entajuda facilita a vida de todos, tornando-a mais suave e agradável. Tradicionalmente, os deveres domésticos eram atribuídos quase exclusivamente à mulher, mas hoje, num tempo em que as mulheres tomaram consciência da sua dignidade e assumem, fora de casa, os mesmos papéis dos homens, as tarefas de casa têm de ser repartidas equitativamente pelos membros da comunidade familiar. As crianças, os adolescentes e os jovens são chamados a partilhar alguns deveres com os pais, manifestando solidariedade para com eles.

Depois desta exposição, o professor pedirá aos alunos que se juntem em grupos (grupo de 3 ou 4 alunos), com o objetivo de se realizar uma representação da vida diária numa família. Entregará alguns materiais como talheres, jornais, ferro de engomar, gravata, avental, óculos, pratos, livros, etc. Por fim, cada grupo fará uma representação da vida diária numa família. Ao longo da preparação da encenação, o professor pretenderá motivar os alunos com os necessários estímulos.



Terminada a encenação das tarefas familiares, o professor escreverá no quadro uma lista das diferentes funções de cada membro da família. Depois disso, será solicitado aos alunos para copiarem as diferentes funções de cada membro da família no caderno diário.

A atividade seguinte passará pela leitura individual de um texto. Por isso, cada aluno terá acesso a um texto (Manual do aluno, “Nós e Mundo” pp. 133-134 [Anexo 25]) onde farão a respectiva leitura e sublinharão as ideias mais relevantes. Abordando o texto o professor dirá o seguinte:

Os idosos são os grandes portadores de sabedoria, cultura e valores. Os idosos têm, normalmente, mais tempo disponível e, conseqüentemente, maior oportunidade para refletir sobre os acontecimentos da sua vida obtendo, assim, um maior crescimento espiritual e afetivo. A contribuição dos avós na formação dos netos e o contato das crianças com pessoas idosas é determinante e enriquecedor. Este convívio é uma das formas mais relevantes de que os povos dispõem para perpetuar a sua história, tradição e cultura.

Contudo, a sociedade contemporânea ocidental parece ter esquecido o valor inestimável dos idosos. Em muitas famílias, fruto da pressa e da velocidade dos acontecimentos quotidianos, os mais velhos não recebem os cuidados de que precisam, porque as famílias parecem já não ter tempo para lhes dedicar a atenção necessária. São muitas vezes ignorados, tornando-se mesmo um estorvo para as famílias, que os colocam em lares, afastando-os do convívio familiar. Outros, ainda, vivem a solidão nas suas próprias casas. Esta realidade torna as famílias e as sociedades mais pobres e desumanizadas.

É importante que os membros da família ajudem a combater a solidão, o abandono e o desânimo que se abate sobre os idosos, ajudando-os a viver plenamente, dando sentido a toda a sua vida. Os idosos sentem-se, muitas vezes, abandonados, quando estão colocados em lares de terceira idade pelos seus familiares, em virtude de se encontrarem num lugar desconhecido para eles. O professor continuará a sua demanda aludindo a um pensamento do Papa João Paulo II que afirma “Os aspetos de fragilidade humana, ligados de modo mais visível com a

velhice, tornam-se uma chamada à interdependência e à necessária solidariedade que ligam entre si as gerações, visto que cada pessoa está necessitada da outra e se enriquece dos dons e dos carismas de todos”<sup>130</sup>

A aula terminará com a realização dum exercício (Anexo 26). A ficha de exercício poderá ter as seguintes perguntas: Quem são os membros mais velhos da tua família? Com quem vivem esses teus familiares? Consideras que vivem em segurança e que estão devidamente acompanhados? Será solicitado aos alunos que justifiquem a sua resposta. A ficha de questionário poderá terminar com a identificação de algumas ações, atitudes ou comportamentos que os alunos podem pôr em prática para proporcionar mais conforto aos seus familiares mais idosos.

Ao longo da realização da atividade o professor circulará pela sala e, suprimirá as eventuais dificuldades que possam surgir. Ao concluir, os alunos realizarão a correção do exercício com a ajuda de professor.

---

<sup>130</sup> JOÃO PAULO II, *Carta aos Anciãos*, nº 10.

## Planificação da Conferência Sobre Família

Título da Conferência:

“A Família, Comunidade de Amor” no pensamento do Magistério.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚	Recursos	Avaliação formativa
<b>B.</b> Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.  <b>R.</b> Identificar o fundamento religioso da moral cristã.  <b>O.</b> Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	Oportunidade para os alunos e os seus encarregados de educação (familiares) conhecerem alguns textos do Magistério sobre a Família.	- O amor como fundamento da família. - A união matrimonial. - A família e transmissão da vida. - Educação de filhos. - A família e o despertar religioso dos filhos. - A família e os idosos.	ACOLHIMENTO.	05	Biblioteca ou outra sala adequada para acolher os alunos e familiares.	O professor: - Vê se todos os alunos e seus familiares são acolhidos.
			APRESENTAÇÃO DE ALGUNS DOCUMENTOS DA IGREJA: O professor fará uma exploração de alguns documentos do magistério.	10	Computador e Projetor. Documentos: - Gaudium et Spes, - Christifideles laici, - Familiaris consortio, - A Família, esperança da Igreja e do mundo, - Carta às famílias: Gratissimam sane, - Gravissimum Educationis, - Compêndio de doutrina social da igreja.	- Observa se todos os alunos e seus familiares conseguem organizar os documentos do magistério numa ordem cronológica.
			CONFERÊNCIA SOBRE O PENSAMENTO DO MAGISTÉRIO: O professor fará a leitura de alguns textos do Magistério fazendo a exposição do pensamento do Magistério.	30	(Anexo 27)	- Observa o interesse que os alunos e seus familiares revelam durante a exposição e vê se estão atentos.
			ESCLARECIMENTOS: O professor fará esclarecimento de dúvidas dos participantes.	10		- Verifica se todos os alunos e seus familiares perceberam os textos apresentados.
			CONCLUSÃO.	05		.

Esta conferência tem o grande objetivo de proporcionar aos alunos e aos seus encarregados de educação (familiares) uma oportunidade para conhecerem alguns pensamentos do Magistério sobre a família. A apresentação de alguns documentos do Magistério (Encíclicas, Cartas, Exortações) oferecerá aos mais interessados a possibilidade de aprofundar os temas abordados posteriormente. Esta conferência será certamente uma ocasião para divulgar a disciplina de EMRC no meio escolar e familiar. Uma pessoa de fora da escola (perito nos documentos de magistério) será convidada para esta conferência. A conferência será baseada no 2º capítulo de relatório final da PES e terá os seguintes pontos principais:

1. O amor como fundamento da família
2. A união matrimonial
3. A família e transmissão da vida
4. A família e a educação dos filhos
5. A família e o despertar religioso dos filhos
6. A família e os idosos.

## CONCLUSÃO

A experiência da PES foi muito enriquecedora, não só ao nível da aprendizagem como alicerce para o futuro, mas também no que concerne à relação estabelecida entre os alunos, os professores orientadores, professora cooperante, colega da PES, a escola, as famílias etc. O período da PES contribuiu para aprender a ser um bom professor, motivado e com esperança para que os alunos cresçam de uma forma integral. O trabalho desenvolvido no âmbito da prática de ensino supervisionada foi muito importante na medida em que me ajudou a estruturar e aumentar os meus conhecimentos ao nível da pedagogia e gestão da sala de aula, a desenvolver a capacidade de auto reflexão sobre o trabalho realizado e a aumentar o meu repertório ao nível das estratégias e métodos de ensino. Durante este período consegui diagnosticar situações e adaptar e utilizar os conhecimentos profissionais de forma apropriada, para favorecer a aprendizagem dos alunos. De um modo geral, posso dizer que a avaliação da prática de ensino supervisionada é muito positiva.

No nosso trabalho vimos que a família é uma das realidades fundamentais para o desenvolvimento integral da pessoa humana. É na família que nos iniciamos para vida, aprendemos aquilo que somos e aquilo que seremos ao longo da nossa vida. Enquanto berço da vida onde aprendemos a ser pessoa, a família ensina-nos a dar os primeiros passos e as primeiras relações humanas que servirão de base para a nossa personalidade.

A família é o lugar privilegiado de experimentar o amor. Sem amor não há verdadeira vida familiar. O amor é doação, entrega total e disponibilidade completa. Na vida familiar existe numerosas oportunidades para cada um renunciar a si mesmo, pelo bem dos outros. Isto requer espírito de sacrifício e doação aos outros. Quando existe amor na vida familiar, existe confiança, apoio, diálogo, fidelidade, perdão, compreensão etc. É preciso que a educação dos mais novos na família seja feita no sentido de descobrirem a sua identidade, na prática de

atitudes e comportamentos responsáveis, na capacidade de amar através da experiência de se sentir amado.

As famílias de hoje passam por momentos de dificuldades, de crise e de provocações de toda a ordem. Muitas famílias vivem sem a consciência das exigências do amor como doação e entrega total, até às últimas consequências. Porque o ser humano é finito e incapaz de realizar por si só este amor, deve contar com uma comunhão com Cristo e com a Igreja, alimentando-se do mesmo Amor que os une. Só Deus, que é Amor, pode ser sustento para tal relação, de modo que penetre o projeto familiar e lhe dê consistência e perseverança. Os textos do magistério são muito importantes na vida dos alunos para ter um conhecimento das profundas convicções do Magistério neste aspeto.

O modelo de família constituído por um homem e uma mulher que promovem a sua complementaridade com abertura à procriação há muito tempo que deixou de ser único. Hoje defendem-se e promovem-se novos modelos e tipologias de família como monoparentais, uniões de facto, homossexuais entre outras. Apesar deste facto, é verdade que de todas as novas tipologias de família, aquela que melhor serve para a sociedade é a família fundada no casamento entre duas pessoas de sexos diferentes. O magistério sempre defendeu este facto e é importante que os alunos e jovens de hoje percebam a importância desta orientação da Igreja e compreendam as vantagens deste modelo.

A família é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os numerosos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico. O papel da família para promover e construir a cultura da vida, é decisivo e insubstituível. Neste sentido, o pensamento do Magistério é um contributo muito valioso para as novas gerações.

Nós aprendemos na família as virtudes sociais como dar, receber, acolher, proteger, união, amizade, diálogo, abertura ao outro, perdão, serviço, dedicação etc. Estas virtudes têm as suas raízes no amor e no diálogo, condições essenciais para a existência e a sobrevivência

da família. Em família é preciso dialogar e comunicar para que os valores sejam aprendidos, vividos e passem de geração em geração. É imprescindível que a instituição família seja espaço de formação e de transmissão de valores sociais, culturais, espirituais e religiosos da sociedade.

Perante as diferentes crises sociais, económicas, culturais, religiosas, é preciso que a família não se sinta sozinha e confusa no meio de tanta informação contraditória e desfavorável a um ambiente familiar harmonioso e saudável. É importante que cada ser humano, na vida familiar seja acolhido e cuidado mesmo nos momentos mais dramáticos da vida como é o caso de deficiência ou a velhice. É essencial que os alunos percebam a proposta do Magistério contra tudo aquilo que são os atentados à família, à sua integridade e à sua missão.

A disciplina de EMRC, dada sua especificidade de ser católica, defenderá sempre a família, refletirá sempre os problemas que a afetam, lutando contra tudo aquilo que a impede de crescer no amor, na fidelidade, na entrega total, na ajuda desinteressada, no diálogo harmonioso, na comunhão etc. Os pensamentos do Magistério são um valioso contributo na promoção dos valores pilares das famílias de forma que estas vivam na fidelidade à sua vocação e sejam no mundo testemunho do amor de Deus.

## BIBLIOGRAFIA

### DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Lumen Gentium* (21 Nov1964) in VATICANO II, *Documentos Conciliares e Pontifícios*, 10ª edição, Editorial A. O - Braga 1987, pp. 59-116.

-----, *Gravissimum Educationis* (28 de Out1965), pp. 203-212.

-----, *Gaudium et Spes* (7 de Dez 1965), pp. 345-418.

BENTO XVI, *Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias, 8 de Julho de 2006*, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2006/july/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060708\\_incontro-festivo\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/july/documents/hf_ben-xvi_spe_20060708_incontro-festivo_po.html), Consultado a 5 de Agosto de 2014.

-----, *Homilia do Santo Padre na Celebração Eucarística por Ocasião do Encerramento do V Encontro Mundial das Famílias. Viagem Apostólica do Papa Bento XVI a Valência (Espanha) por ocasião do V Encontro Mundial das Famílias, 9 de Julho de 2006*, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/homilies/2006/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20060709\\_valencia\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060709_valencia_po.html), Consultado a 7 de Agosto de 2014.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Redemptor Hominis* (1979), 4ª ed. Editorial A. O, Braga 1980.

-----, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (1981), 2ª ed. Editorial A. O, Braga 1982.

-----, Exortação Apostólica *Christifideles Laici* (1988), Editorial A. O, Braga 1989.

-----, Carta Encíclica *Centesimus Annus* (1991), 2ª ed. Rei dos Livros, Lisboa 1993.

-----, Carta do Papa às Famílias *Gratissimam sane* (1994), 3ª ed. Editorial A. O, Braga 1994.



-----, Carta Encíclica *Evangelium Vitae* (1995), Rei dos Livros, Lisboa 1995.

-----, *Carta aos Anciãos*, (1º de Outubro de 1999), in [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/letters/1999/documents/hf\\_jp-ii LET\\_01101999\\_elderly\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/1999/documents/hf_jp-ii LET_01101999_elderly_po.html),

Consultado a 22 de Agosto de 2014.

PAULO VI, Carta Encíclica *Humanae Vitae* (1968), Rei dos livros, Lisboa 1987.

-----, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), 6ª ed. Editorial A. O, Braga 1983.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA, *Os Filhos, Primavera da Família e da Sociedade*, Temas de Reflexão e Diálogo em Preparação ao III Encontro Mundial do Papa com as Famílias, in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/family/documents/rc\\_pc\\_family\\_doc\\_20001014\\_rome-jubilee-of-families-index\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20001014_rome-jubilee-of-families-index_po.html),

Consultado a 10 de Agosto de 2014.

-----, *Léxico da Família: Termos Ambíguos e Controversos sobre Família, Vida e Aspetos Éticos*, Princípiã, Cascais, 2010.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, Princípiã, Cascais 2005.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA OS LEIGOS, *A Dignidade do Ancião e sua Missão na Igreja e no Mundo*, in [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/laity/laity\\_en/archivio/rc\\_pc\\_laity\\_doc\\_05021999\\_older-people\\_en.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/laity/laity_en/archivio/rc_pc_laity_doc_05021999_older-people_en.htm), Consultado a 15 de Setembro de 2014.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral *A Família, Esperança da Igreja e do Mundo*, ed. Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa 2004.

-----, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um Valioso Contributo para a Formação da Personalidade*, in *Pastoral Catequética*, 5 (2006) pp. 7-16.

CLETO, Albino Mamede (ori.), *Catecismo da Igreja Católica*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra 1993.

## LEGISLAÇÃO

DECRETO - LEI nº 240/ 2001, in *Diário da República – I Série – A – N.º 201 – 30 de Agosto de 2001*.

DECRETO - LEI nº 70/2013, in *Diário da República – I Série – Nº 99 — 23 de maio de 2013*.

## ESTUDOS

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE QUELUZ-BELAS, *Projeto Educativo: 2013-2017*, (2013) pp. 1-20.

AMBROSIO, Juan Francisco, *A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública*, in *Communio*, 18 (2001/5) pp. 437-449.

-----, *O Papel da Mãe e do Pai na Transmissão da fé*, in *Communio*, 26 (2009/4) pp. 403-414.

ARENDT, Richard I, *Aprender a Ensinar*, Sétima Edição, McGraw – Hill interamericana de España, S.A.U, Aravaca (Madrid) 2008.

CARVALHO, Cristina Sá, *A família e o seu Insubstituível Papel Educativo*, in *Pastoral Catequética*, 9 (2007) pp. 81-113.

ESTANQUEIRO, António, *Relação Pedagógica*, in *Pastoral Catequética*, 26 (2013) pp. 97-104.

DEL CAMPO GUILARTE, Manuel, *A Família e o Despertar Religioso dos Filhos*, in *Pastoral Catequética*, 7 (2007) pp. 31-48.

HAHN, Scott, *Primeiro, É o Amor: Encontrar a Própria Família na Igreja e na Trindade*, Diel, Lisboa 2006.

LEANDRO, Maria Engrácia, *Transformações da Família na História do Ocidente*, in *Theológica*, 41 (2006) pp. 51-74.

LOUREIRO, João Carlos, *Jovens e Família*, in *Estudos – Revista do Centro Académico de Democracia Cristã*, Nova Série 3, Tomo I (2004) pp. 489-537.

PEDRINHO, Dimas Oliveira, *Competência Científica e Competência Educativa do Professor de EMRC*, in *Pastoral Catequética* 21/22 (2011-2012) pp. 21-36.

PEREIRA, Jorge Augusto Paulo, *Nós e o Mundo. Manual de Educação Moral e Religiosa Católica*, 6º ano, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa 2011.

-----, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa 2007.

## ANEXOS

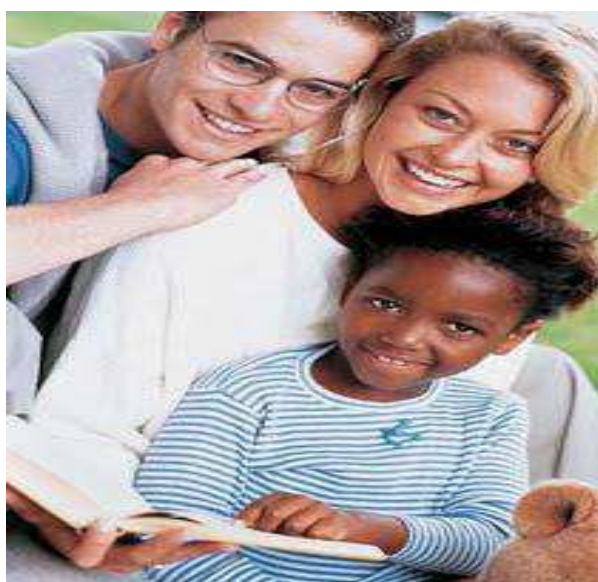
### Anexo 01

#### Definição da família

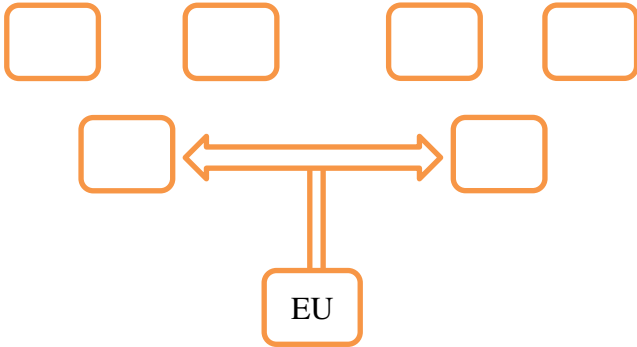
“Grupo de pessoas que vivem num determinado lugar, durante um período de tempo mais ou menos longo, e que estão unidos ou não por laços consanguíneos. Este grupo cresce no amor através dos afetos, da confiança e do respeito mútuo, criando relações estáveis”.

### Anexo 02





### Anexo 03

Ficha	Constrói a tua árvore genealógica
<p>Quem mora comigo</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>-</p> <p>A minha família é</p> <p>_____</p> <p>(- Família nuclear, - Família alargada, - Família monoparental, - Família adotiva, - Família institucional)</p>	

### Anexo 04

A família é o lugar privilegiado de experimentar o amor tão íntimo do coração humano. Segundo o Papa Bento XVI, a família é o ambiente privilegiado onde cada pessoa aprende a dar e receber amor<sup>131</sup>.

“A família encontra no amor o motivo e o estímulo incessante para acolher, respeitar e promover cada um dos seus membros na altíssima dignidade de pessoas, isto é, de imagens vivas de Deus”<sup>132</sup>. O amor é o primeiro e mais importante valor pelo qual cada família se deve guiar. Sem amor não há verdadeira vida familiar. O amor é a base para todas as famílias. O amor é doação, entrega total e disponibilidade completa.

<sup>131</sup> Cf. BENTO XVI, *Palavras do Santo Padre durante a Vigília de Oração*. Consultado a 5 de Agosto de 2014.

<sup>132</sup> JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio*, nº 22.



## Anexo 05: Sagrada Família de Nazaré



## Anexo 06: O mapa de Palestina no tempo de Jesus



Nome do País: \_\_\_\_\_

Nome das Regiões: \_\_\_\_\_

Nome das Cidades: \_\_\_\_\_

O homem era o chefe de família, o responsável religioso e legal da casa. Era seu dever manter a segurança e zelar pelo bem-estar de todos. Tinha a responsabilidade de trabalhar para alimentar, proteger e garantir um abrigo à mulher e aos filhos.

À mulher competia realizar os trabalhos domésticos: confeccionava o pão, preparava as refeições, moía a farinha, produzia o queijo, fiava linho e tratava dos animais, que lhes garantiam a carne, o leite e a lã.

Os filhos de tenra idade ficavam em casa com as mães. Conheciam desde cedo os seus deveres para com os pais e era com estes que normalmente aprendiam os ofícios de família.



Chefe da família



Trabalhos domésticos





Viviam com os pais

#### Anexo 08

(41) Todos os anos os pais de Jesus iam a Jerusalém à festa da Páscoa. (42) Quando o menino tinha doze anos, foram lá como de costume. (43) Passados os dias da festa, José e Maria voltaram para casa, mas Jesus ficou em Jerusalém, sem os pais darem por isso. (44) Julgavam que ele ia com algum grupo pelo caminho. Ao fim de um dia de viagem começaram a procurá-lo entre os parentes e os amigos, (45) mas não o encontraram. Voltaram por isso a Jerusalém à sua procura. (46) Ao fim de três dias descobriram-no dentro do templo, sentado entre os doutores. Escutava o que eles diziam e fazia-lhes perguntas. (47) Todos os que o ouviam ficavam maravilhados com a sua inteligência e as suas respostas. (48) Quando os pais o viram, ficaram muito impressionados e a mãe disse-lhe: “Filho, porque nos fizeste isso? O teu pai e eu temos andado aflitos à tua procura.” (51) Jesus voltou então com eles para Nazaré e continuou a ser-lhes obediente. Sua mãe guardava todas estas coisas no coração. (52) Jesus crescia em sabedoria e idade, agradando a Deus e aos homens. Lc 2, 41-48.51-52.

1. Todos os anos os pais de Jesus iam
  - a) a Jerusalém para participar na festa da Páscoa. \_\_\_\_\_
  - b) a Belém para participar na festa da Páscoa. \_\_\_\_\_
  - c) a Jerusalém para participar na festa de Natal. \_\_\_\_\_
  - d) a Jerusalém para participar na festa das Tendas. \_\_\_\_\_
2. Quando Jesus fez doze anos, José e Maria voltaram para casa
  - a) e Jesus acompanhou-os, porque os amava. \_\_\_\_\_
  - b) mas Jesus ficou em Jerusalém, depois de ter pedido licença aos pais. \_\_\_\_\_
  - c) mas Jesus ficou em Jerusalém sem os pais darem por isso. \_\_\_\_\_
  - d) mas Jesus dirigiu-se a Belém, onde tinha nascido. \_\_\_\_\_
3. Quando o encontraram, Jesus estava
  - a) na sinagoga, entre os sacerdotes, a participar nas orações. \_\_\_\_\_
  - b) na praça central de Jerusalém, a pregar a sua mensagem. \_\_\_\_\_
  - c) à porta da cidade, interpelando todos os que passavam. \_\_\_\_\_
  - d) no templo, entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. \_\_\_\_\_

## Anexo 09

Identificação dos valores da família de Nazaré através de resolução de uma caça-palavras.

ABVKUITUWPDSQXOLP  
MOUCBMYAZYSERVIÇO  
OPDSXZAWSXCVBDFGB  
RESPEITO A ABBCE SOYP  
ODIAIKIB SDPSILÊNCII  
PUIR OPUIOGBWCVFAZ  
IMOTLNDOKGVDAXKBI  
IUOISWOTRABALHOKI  
ROULO BEDIÊNCIAREWI  
OJU HOMKURPOMHBNG  
DIK AIPUORAÇÃO OPPUII

AMOR, RESPEITO, OBEDIÊNCIA, TRABALHO,  
SILÊNCIO, ORAÇÃO, SERVIÇO, PARTILHA

## Anexo 10

A família é o lugar adequado à transmissão da vida. Nascendo num espaço familiar, a criança tem mais possibilidades de se sentir acolhida e amada.

No contexto familiar, a criança recebe os primeiros afetos e aprende a relacionar-se com os outros. Desde o seu nascimento, está desperta para o amor, sendo necessário que o vivencie através da relação com os outros membros da comunidade familiar.

Para que o desenvolvimento pessoal da criança aconteça de forma harmoniosa, a família tempera a autoridade com o afeto, promovendo a confiança, o respeito, a responsabilidade e a liberdade. Na verdade, é através da autoridade dos adultos que os mais jovens adquirem a segurança necessária para enfrentarem com confiança as vicissitudes da vida.

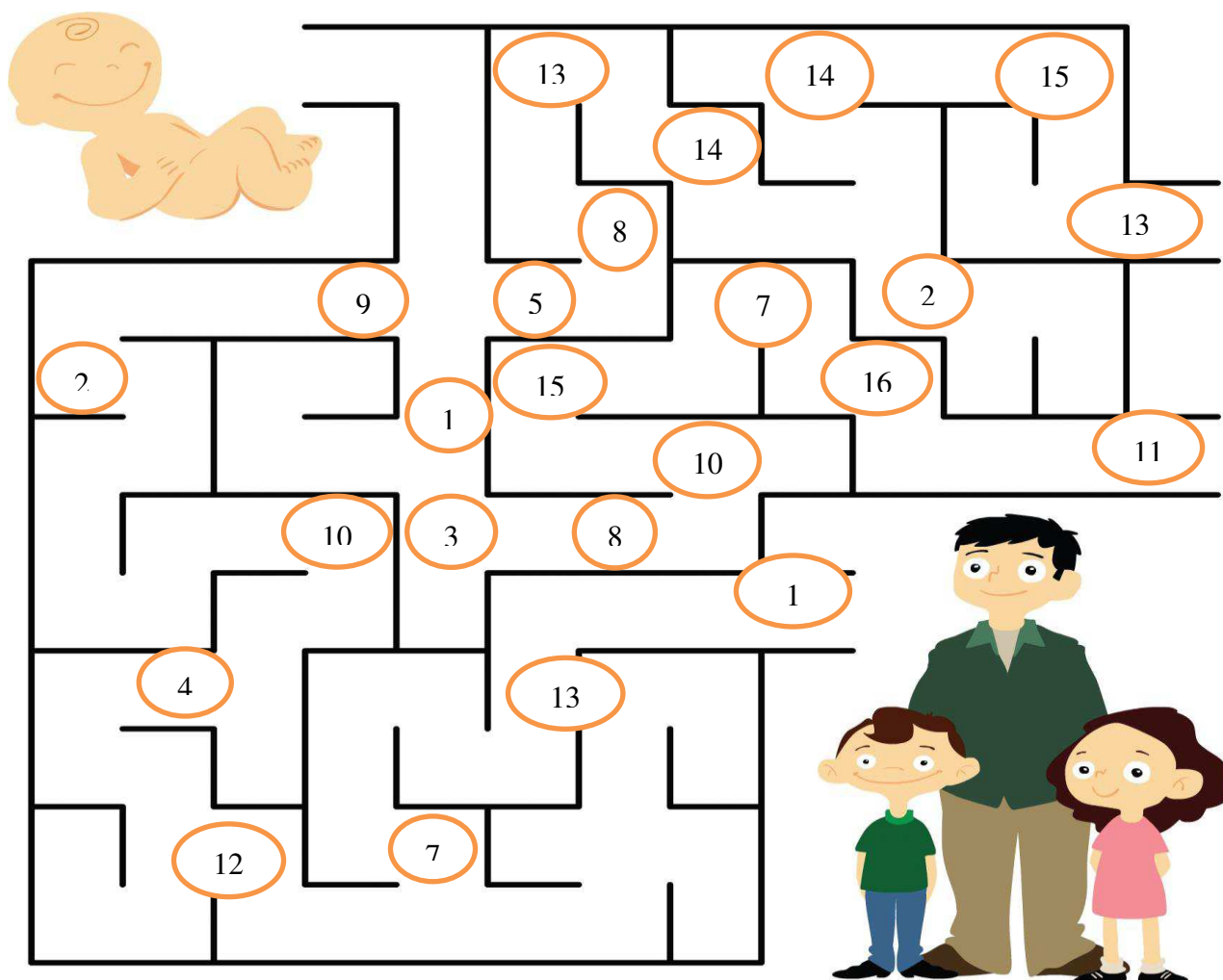
A criança, em todo o seu processo de crescimento, necessita de orientação e apoio dos membros mais velhos do seu agregado familiar. A experiência de se sentir respeitada é muitíssimo importante. E ser respeitada significa ser considerada pelo seu valor enquanto pessoa que precisa de cuidados especiais e não apenas enquanto membro de um grupo. Em todo este processo de desenvolvimento, é enriquecedora a presença tanto do modelo masculino como do modelo feminino, transmitidos, em princípio, pelo pai e pela mãe.

A família é o espaço onde, em primeira mão, se transmitem valores, não apenas através de palavras, mas sobretudo através de gestos concretos. Em muitas situações, estes são veiculados até de forma inconsciente, quando os seus membros se dedicam aos outros, estão atentos às suas necessidades, às suas angústias e aos seus receios e procuram apoiá-los nas situações mais difíceis. Garantir às crianças condições de bem-estar e despertar nelas a consciência da sua dignidade e da dignidade de todos os seres humanos constituem os grandes objetivos da educação familiar.

Lentamente, a criança vai-se abrindo aos outros, primeiro aos que estão mais próximos e depois à sociedade em geral. Desenvolve igualmente o seu sentido crítico perante as injustiças sociais, preparando-se para dar o seu contributo na construção de sociedades justas e autênticas.

## Anexo 11

(A família é o lugar adequado à transmissão da vida. Encontra, no labirinto, o caminho que conduz a confiança desde o espaço familiar até à inserção na sociedade). 1 Liberdade, 2 Afeto, 3 Poder, 4 Confiança, 5 Vitória, 6 Conquista, 7 Autoridade, 8 Desrespeito, 9 Amor, 10 Proteção, 11 Confiança, 12 Respeito, 13 Responsabilidade, 14 Autonomia, 15 Independência, 16 Isolamento.



## Anexo 12

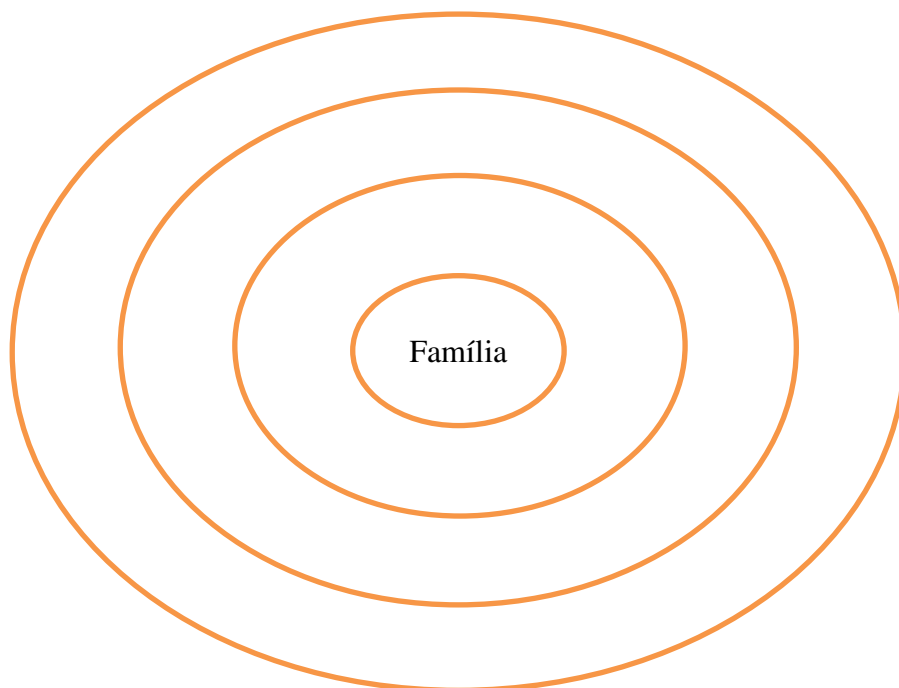
Tendo em conta a função socializadora da família, assinala com **V** (verdadeiro) ou **F** (falso) as afirmações seguintes.

A autoridade dos adultos deve contribuir para

- os mais jovens adquirirem segurança. \_\_\_\_\_
- o desenvolvimento da obediência sem reservas na criança. \_\_\_\_\_
- a orientação no processo de crescimento da criança. \_\_\_\_\_
- o crescimento harmonioso da criança. \_\_\_\_\_
- a negação do espírito crítico nos jovens. \_\_\_\_\_

### Anexo 13

A criança, no seu processo de crescimento, está naturalmente aberta aos outros e ao mundo. Regista, no interior de cada círculo, os grupos de pessoas com quem as crianças vão estabelecendo relações ao longo do seu processo de desenvolvimento.



### Anexo 14

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, Manual Multimédia, A Luz da vida. 4º ano, Ser Verdadeiro. Só a Verdade Liberta.

### Anexo 15

Diz se as seguintes frases são verdadeiras ou falsas:

Só a verdade liberta os membros da família _____	A professora do António é bondosa _____
O amor na família é mais forte de que os nossos erros _____	Dizendo a mentira o António ficou muito feliz _____
Na família nós precisamos de partilhar as alegrias e as tristezas _____	Aquilo que une a família é o amor, verdade, perdão, bondade, carinho _____
Os pais de António perdoaram o seu erro _____	

### Anexo 16

(25) Deixem-se de mentiras! Cada um diga a verdade ao seu semelhante, porque todos fazemos parte do mesmo corpo. (29) Que nenhuma palavra imprópria saia da vossa boca. Pelo contrário, que as vossas palavras sejam úteis e edificantes, para fazerem bem àqueles que vos ouvem. (31) Qualquer espécie de ressentimento, ira, irritação, indignação ou injúria deve desaparecer do meio de vocês, bem como toda a espécie de maldade. (32) Sejam delicados e prestáveis e perdoem-se uns aos outros, como Deus vos perdoou, em Cristo.

Ef 4. 25.29.31-32

## Anexo 17

A família é uma comunidade que tem por base a vivência do amor e o estabelecimento de laços de comunhão entre as pessoas. O amor autêntico é desinteressado, deseja o bem do outro e procura a sua realização plena. Quem ama é genuíno, desinteressado e deseja o bem de todos. O amor cresce, se for devidamente cuidado e construído ao longo da vida. Os fracassos, as divergências e o sofrimento que naturalmente surgem são mais facilmente ultrapassados se forem vividos em conjunto com a pessoa que se ama. A família presta grande ajuda na resolução das dificuldades e fracassos que surgem.

Os casais cristãos realizam este amor no sacramento do matrimónio. Através do casamento, o homem e a mulher formam uma família. Segundo o livro do Génesis, Deus criou o homem e a mulher iguais nos seus direitos e na sua dignidade. Criou-os de forma a relacionarem-se harmoniosamente e a completarem-se um ao outro.

Unido pelo sacramento do matrimónio, o casal forma uma comunidade nova, onde vive em comunhão, no amor que os une. Os filhos partilham do amor e dos valores que os pais transmitem e a família transforma-se na primeira escola de vida. Os pais amam os filhos de forma desinteressada e dedicam-se a cada um como se fosse único. Os pais estimam os filhos e, por isso, ajudam-nos, desde pequenos, a viver a vida de acordo com os valores em que acreditam.

Na família, vive-se a experiência do acolhimento dos outros tal como eles são. Aprende-se a amá-los e a respeitá-los na sua diferença, uma vez que as diferenças nos enriquecem, mesmo quando é difícil lidar com elas. A compreensão das diferenças torna-nos mais tolerantes para com os outros e para connosco próprios.

Quando amamos, fazemos a experiência da bondade: dispomo-nos a perdoar e a pedir perdão quando alguma coisa não corre bem na relação com os outros.

## Anexo 18

Descobre atitudes e valores positivos na sopa de letras (Liberdade, amor, partilhar, perdoar, bondade, felicidade, verdade, carinho)

<b>A W I D J I W O O D A M O R L O I J K J C S W E</b>
<b>C S E C K L I B E R D A D E I J U I W M X C I W</b>
<b>A K D I O E K J F E L I C I D A D E J I K J K L O</b>
<b>R E D H E R H F U C P E R D O A R U J K W P Y</b>
<b>I O I I U V E R D A D E H J J K N N B F F D C D I</b>
<b>N C B O N D A D E S D R F V C D X S P Ç M L W</b>
<b>H W E S D E W Q A X Z S D C F E C F D L O I J I</b>
<b>O P A R T I L H A R K J U H Y K W S X C S D E I</b>

## Anexo 19

### A CAIXINHA DOURADA

Há algum tempo atrás, um homem castigou a sua filha de 4 anos por desperdiçar um rolo de papel de presente dourado.

O dinheiro era pouco naqueles dias, razão pela qual o homem ficou furioso ao ver a menina a embrulhar uma caixinha com aquele papel dourado e a colocá-la debaixo da árvore de Natal.

Apesar de tudo, na manhã seguinte, a menina levou o presente ao seu pai e disse: “isto é para ti, Papá!”

Ele sentiu-se envergonhado da sua furiosa reação, mas voltou a “explodir” quando viu que a caixa estava vazia.

Gritou e disse: “Tu não sabes que quando se dá um presente a alguém, coloca-se alguma coisa dentro da caixa?”

A menina olhou para cima, com lágrimas nos olhos, e disse: “Oh Papá, não está vazia. Eu soprei beijinhos para dentro da caixa. Todos para ti, Papá”.

O pai quase morreu de vergonha, abraçou a menina e suplicou-lhe que lhe perdoasse. Dizem que o homem guardou a caixa dourada ao lado da sua cama por anos e, sempre que se sentia triste, chateado, deprimido, pegava na caixa e tirava um beijo imaginário, recordando o amor que a sua filha ali tinha colocado.

Autor desconhecido

## Anexo 20

Porque é que o pai ficou zangado com a sua filha por ter embrulhado uma caixinha com papel dourado?

---

Para quem era este presente?

---

Qual é a reação do pai ao ver a caixinha vazia?

---

O que é que tinha esta caixinha de especial?

---

Como é que reagiu o pai depois de ter descoberto o que tinha esta caixinha?

---

Qual é a mensagem que nos quer transmitir o texto?

---

## Anexo 21

Ef 6, 1-4 (texto adaptado)

(1) Filhos, em nome da vossa fé no Senhor, obedecem aos vossos pais e digam a verdade, pois assim é que deve ser. (2) O primeiro dos mandamentos que leva consigo uma promessa é: “Respeita o teu pai e a tua mãe.” (3) E a promessa é esta: “Assim serás feliz e gozarás duma longa vida sobre a terra”. (4) Pais, não irritem os vossos filhos. Mas eduquem-nos com disciplina e equilíbrio, em nome do Senhor Jesus, (Ef 6, 1-4)

## Anexo 22

São Paulo encoraja os filhos e os pais a assumirem atitudes de respeito uns para com os outros. Apreciando o texto bíblico Ef 6, 1-4, faz o levantamento dos verbos que exprimem atitudes que os pais devem ter para com os filhos e que os filhos devem ter para com os pais.

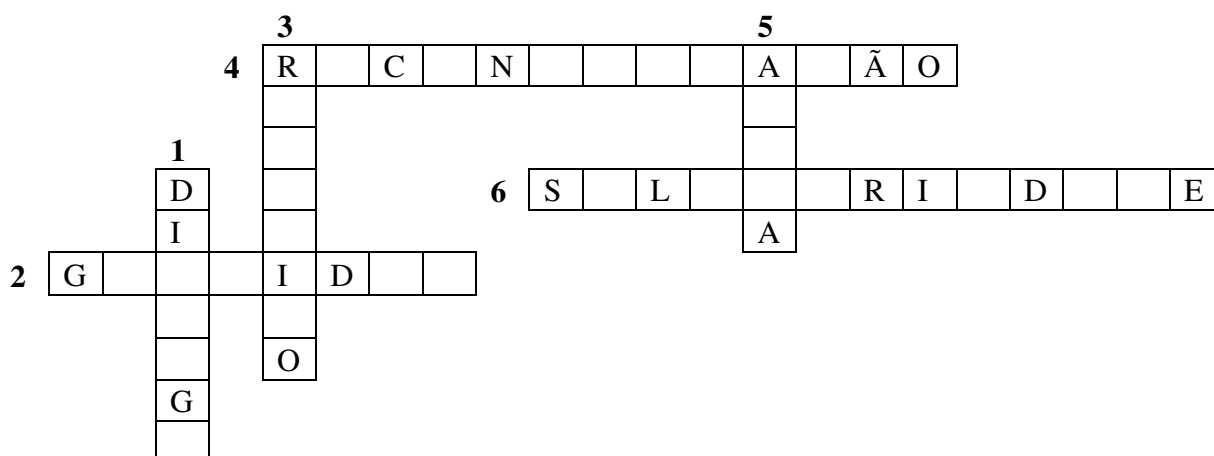
Os Pais: a) \_\_\_\_\_  
b) \_\_\_\_\_

os Filhos: a) \_\_\_\_\_  
b) \_\_\_\_\_

## Anexo 23

Preenche o seguinte crucigrama com as pistas que te são fornecidas.

1. Conversa entre os membros da família.	4. Nunca devemos ficar zangados uns com os outros. Há que ter atitudes de.....
2. Atitude de agradecimento.	5. Tipo de colaborações.
3. Sentimentos que devemos ter pelos outros.	6. Estar disponível para o outro.



## Anexo 24

A organização da vida diária da família implica inúmeras tarefas e responsabilidades. Preparar os alimentos, lavar a louça, cuidar da roupa, limpar a casa, arrumar os quartos, fazer compras, proceder a reparações, tratar das plantas ou do jardim, cuidar da manutenção do carro, tratar da contabilidade doméstica, alimentar as crianças, tratar dos doentes e dos idosos, acompanhar as crianças à escola, ajudar nas tarefas escolares, acompanhar os doentes nas idas ao médico, brincar com as crianças, tratar dos animais, levar as crianças à biblioteca, ao cinema ou ao teatro, etc. são exemplos de tarefas familiares que preenchem a vida.

A realização das tarefas domésticas é muito morosa e complexa e depende da cooperação e participação de todos os elementos do agregado familiar.

Todos os membros da família têm um papel importante na realização destas obrigações e devem desempenhá-lo de acordo com as capacidades de cada um. A entreaajuda facilita a vida de todos, tornando-a mais suave e agradável.

Tradicionalmente, os deveres domésticos eram atribuídos quase exclusivamente à mulher.

Hoje, num tempo em que as mulheres tomaram consciência da sua dignidade e assumem, fora de casa, os mesmos papéis dos homens, as tarefas de casa têm de ser repartidas equitativamente pelos membros da comunidade familiar.

Também as crianças, os adolescentes e os jovens são chamados a partilhar alguns deveres com os pais, manifestando solidariedade para com eles.

De acordo com as capacidades próprias da idade, cada um pode contribuir para a vida familiar realizando alguns trabalhos necessários. A assunção de pequenas responsabilidades é igualmente importante para o seu processo de crescimento.

## Anexo 25

A velhice é o apogeu da vida, que passa por diversas fases: a infância, a adolescência, a juventude, a idade adulta e a chamada 'terceira idade'. Em cada momento da vida, o ser humano está em constante evolução, adquire e acumula experiências que o vão tornando cada vez mais rico em sabedoria. A aprendizagem é um processo permanente que começa no ventre da mãe e continua até ao fim da vida. Os idosos são os grandes portadores de sabedoria, cultura e valores. A transmissão deste património, que se comunica de geração em geração, verifica-se sobretudo através dos idosos. O idoso tem, normalmente, mais tempo disponível e conseqüentemente maior oportunidade para reflectir sobre os acontecimentos da sua vida, obtendo, assim, um maior crescimento espiritual e afectivo. Cada vez mais aberto à espiritualidade, o idoso também desempenha um papel importante na transmissão dos afectos, através da atenção dada aos netos. A contribuição dos avós na formação dos netos e o contacto das crianças com pessoas idosas é determinante e enriquecedor. Este convívio é uma das formas mais relevantes de que os povos dispõem para perpetuar a sua história, tradição e cultura.

Contudo, a sociedade contemporânea ocidental parece ter esquecido o valor inestimável dos idosos. Em muitas famílias, fruto da pressa e da velocidade dos acontecimentos quotidianos, os mais velhos não recebem os cuidados de que precisam, porque as famílias parecem já não ter tempo para lhes dedicar a atenção necessária. São muitas vezes ignorados, tornando-se mesmo um estorvo para as famílias, que os colocam em lares, afastando-os do convívio familiar. Outros, ainda, vivem a solidão nas suas próprias casas. Esta realidade torna as famílias e as sociedades mais pobres e desumanizadas.



## Anexo 26

Consulta o texto e resolve os exercícios que se seguem.

Quem são os membros mais velhos da tua família?

---

Com quem vivem esses teus familiares?

---

Consideras que vivem em segurança e que estão devidamente acompanhados? Justifica a tua resposta.

---

---

Identifica algumas ações, atitudes ou comportamentos que podes pôr em prática para proporcionar mais conforto aos teus familiares mais idosos.

---

---

## Anexo 27

O texto de conferência será baseado no 2º capítulo de relatório final da PES e terá os seguintes pontos principais:

1. O amor como fundamento da família
2. A união matrimonial
3. A família e transmissão da vida
4. A família e a educação dos filhos
5. A família e o despertar religioso dos filhos
6. A família e os idosos